



SEMINÁRIO MAIOR ARQUIDIOCESANO DE BRASÍLIA  
NOSSA SENHORA DE FÁTIMA (SMAB)  
CURSO DE FILOSOFIA

CELSO ADÉLIO SILVA RAMOS

**AS ARTES ROMÂNTICAS DA ESTÉTICA HEGELIANA**

Brasília/DF  
2019

CELSO ADÉLIO SILVA RAMOS

**AS ARTES ROMÂNTICAS DA ESTÉTICA HEGELIANA**

Monografia apresentada junto ao curso de Filosofia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília – SMAB, como exigência parcial para a conclusão do ciclo filosófico.

Prof. Orientador: Pe. Ulysses Reis de Carvalho

Brasília/DF

2019

CELSO ADÉLIO SILVA RAMOS

**AS ARTES ROMÂNTICAS DA ESTÉTICA HEGELIANA**

Monografia apresentada junto ao curso de Filosofia do Seminário Maior Arquidiocesano de Brasília – SMAB, como exigência parcial para a conclusão do ciclo filosófico.

---

Prof. Orientador: Pe. Ulysses Reis de Carvalho

---

Leitor (a):

Brasília/DF

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da Sabedoria e aos padres formadores dessa casa pela realização desse trabalho acadêmico. Também quero agradecer aos professores que estiveram envolvidos direta e indiretamente nos meus estudos filosóficos, contribuindo para minha formação intelectual. Por último, não menos importante agradeço ao meu orientador, Pe. Ulysses Reis de Carvalho que incentivou para o desenvolvimento dessa obra, através da sua experiência e vasta inteligência filosófica.

*“A verdadeira essência do amor  
consiste em esquecer-se no outro”*  
(Hegel)

## **RESUMO**

Este trabalho acadêmico foi desempenhado com o intuito de expor o pensamento de Hegel a cerca do Belo na arte e também de expor seu sistema de belas-artes, tendo foco nas artes românticas e suas nuances artísticas. Primeiramente esse trabalho, teve com desenvolvimento todo o contexto da época em que Hegel vivia, abordando sua concepção filosófica à respeito da arte como tal e de suas formas de apresentação no decorrer da sua própria história. Logo depois foi demonstrado os elementos que envolvem as três artes românticas (pintura, música e poesia) de uma maneira bem compacta e objetiva quanto aos tópicos mencionados; e depois introduzimos uma percepção religiosa do pensamento hegeliano na período romântico com o sentido de complementar a modo investigativo, certos pontos da influência espiritual na arte de Hegel. Por fim, foi exposto, na parte conclusiva do trabalho, uma pequena série de críticas ao pensamento de Hegel sobre a beleza e do seu sistema artístico.

Palavras-chave: Hegel, Estética, Arte, Filosofia, Romântica.

## RESUMEN

Este trabajo académico se realizó para exponer el pensamiento de Hegel sobre lo Bello en el arte y también para exponer su sistema de bellas artes, centrándose en las artes románticas y sus matices artísticas. En primer lugar, este trabajo desarrolló todo el contexto de la época en que vivía Hegel, abordando su concepción filosófica del arte como tal y sus formas de presentación a lo largo de su propia historia. Poco después, los elementos relacionados con las tres artes románticas (pintura, música y poesía) se demostraron de manera muy compacta y objetiva con respecto a los temas mencionados; y luego presentamos una percepción religiosa del pensamiento hegeliano en el período romántico con el sentido de complementar de manera investigativa ciertos puntos de influencia espiritual en el arte de Hegel. Finalmente, en la parte final de la obra, se expuso una breve serie de críticas al pensamiento de Hegel sobre la belleza y su sistema artístico.

Palabras clave: Hegel, Estética, Arte, Filosofía, Romántica.

## SUMÁRIO

|                                                                    |           |
|--------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                            | <b>9</b>  |
| <b>1. A DIALÉTICA NA ESTÉTICA.....</b>                             | <b>11</b> |
| <b>1.1 O romantismo no contexto da filosofia alemã.....</b>        | <b>12</b> |
| <b>1.2 O princípio subjetivo do ideal no belo artístico .....</b>  | <b>14</b> |
| <b>1.3 A ideia do belo na arte .....</b>                           | <b>16</b> |
| <b>1.4 Arte, filosofia e religião.....</b>                         | <b>18</b> |
| <b>1.5 O sistema da arte hegeliana .....</b>                       | <b>20</b> |
| 1.5.1 A arte e a estrutura sistemática das cinco belas artes ..... | 21        |
| 1.5.2 A arte simbólica .....                                       | 25        |
| 1.5.3 A arte clássica .....                                        | 26        |
| <b>2 O SISTEMA NAS ARTES ROMÂNTICAS .....</b>                      | <b>28</b> |
| <b>2.1 A arte da pintura .....</b>                                 | <b>29</b> |
| 2.1.1 A subjetividade da pintura .....                             | 30        |
| 2.1.2 A progressão histórica da pintura .....                      | 31        |
| 2.1.3 Composições na arte da pintura .....                         | 33        |
| <b>2.2 A arte da música .....</b>                                  | <b>35</b> |
| 2.2.1 Princípios gerais da música .....                            | 36        |
| 2.2.2. Os gêneros musicais .....                                   | 38        |
| 2.2.3 O sentimento e a música .....                                | 39        |
| <b>2.3. A arte da poesia .....</b>                                 | <b>41</b> |
| 2.3.1 A linguagem da arte poética .....                            | 42        |
| 2.3.2. O conteúdo poético .....                                    | 43        |
| <b>3. A PERCEPÇÃO RELIGIOSA NA ESTÉTICA HEGELIANA .....</b>        | <b>45</b> |
| <b>3.1. A religiosidade na arte romântica.....</b>                 | <b>46</b> |
| 3.1.1. O divino na arte romântica .....                            | 47        |

|                                                                                |           |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 3.1.2. A concepção histórica da arte romântica no cristianismo .....           | 49        |
| <b>3.2. O Sentido da perfeição artística e o seu carácter avaliativo .....</b> | <b>50</b> |
| <b>3.3. E a tese: o fim da arte? .....</b>                                     | <b>52</b> |
| <b>3.4 Um sistema com problemas .....</b>                                      | <b>55</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                               | <b>59</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                        | <b>60</b> |

## INTRODUÇÃO

No decorrer da História da Filosofia, poucos autores foram tão sistemáticos como Hegel. Durante toda a sua vida dedicada ao estudo filosófico, o pensador alemão reuniu um conjunto de temas relacionados à filosofia que o tornou um dos mais importantes filósofos da modernidade. Dentre todo o acervo de suas obras, a **Fenomenologia do Espírito** é a que mais se destaca nos meios acadêmicos. Essa obra possui uma característica muito significativa e destaca a principal ideia de Hegel, que é a elaboração de um sistema dialético. O sistema criado por ele é um método dialético aplicado em toda a sua filosofia, ou seja, Hegel identifica que todas as questões e pressupostos sobre a filosofia, religião e arte fazem parte de um universo, ou melhor, de um processo contínuo e histórico com que numa escala dinâmica, onde os pontos positivos e negativos da humanidade se entrelaçam para sempre reavivar a manifestação do Espírito por meio dos fenômenos. Assim, a Fenomenologia do Espírito é um retrato da história do espírito humano, da consciência, do conhecimento sensível fenomênico, ao saber absoluto histórico.

Na sua imensa obra sobre estética - que é dividida em dois volumes, Hegel retrata toda a percepção do conhecimento na arte, desde os primórdios da antiguidade até a novidade da arte romântica no período moderno como também o significado do belo na filosofia da arte. Podemos então observar que no contexto do seu tempo, a Alemanha estava em uma realidade idealista e romântica que influenciaram diversos pensadores como, por exemplo, Schelling, Wagner, Goethe e outros naquela época. Esses cursos de estética, além de demonstrar todo o sistema das artes e suas estruturas em relação aos períodos da história da humanidade e de uma formação do ideal artístico na manifestação do Espírito Absoluto, desenvolvem também uma tese de modo controverso, sobre o fim da arte, dando a ideia de um fechamento sistemático relacionado a tudo aquilo que é artístico e que se finaliza no período romântico.

Hegel pensava que criando um sistema dialético e idealista, fosse, suficiente para abarcar todo o universo artístico e o sentido do belo, a compreensão da arte e de toda a sua história, como se todo esse processo possuísse uma autossuficiência em si mesmo. Talvez não imaginasse que esse sistema formasse uma estrutura fechada, sem possibilidades para novos pressupostos, além, é claro, de finalizar todo esse trabalho sistemático com a tese denominada questão “fim da arte”. Contudo, é importante considerar que a estética hegeliana não deixa de ser uma grande obra para a história da filosofia da arte e de como ela influenciou outros

filósofos que buscaram compreender o tema da arte na perspectiva filosófica. De fato, são poucos os filósofos que se aventuraram em desenvolver um pensamento e um sistema nos diversos temas filosóficos principalmente sobre a arte, tendo em vista uma realidade metafísica que se manifesta nesses fenômenos e estabelecer um pensamento e uma forma de ver as coisas como Hegel.

## 1. A DIALÉTICA NA ESTÉTICA

Na estética há uma estrutura bem elaborada e apresenta um formato bem orgânico e enciclopédico que se desenvolve de acordo com o formato da estrutura e dos temas abordados conforme seu pensamento sistemático. A dialética na sua estética se evidencia através de uma continuidade processual e histórica que se baseia nos períodos e civilizações onde a arte teve grande destaque e que contribuiu para a evolução do pensamento humano, da idealização do belo e da manifestação do Espírito Absoluto. Nesse sentido, Robert Wicks, comentarista do pensamento de Hegel diz:

“A abrangente teoria estética de Hegel – uma teoria expressa em uma série de lições de mais de mil páginas – move-se no interior da órbita de cada um desses debates e inquietações. Ela se constitui, então, como muito mais do que um componente essencial de uma metafísica sistemática. Ela também incorpora um tempo histórico específico e um estilo de reflexão acerca da beleza e das belas-artes”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 407 e 408).

A história da arte passa por um processo de mudança que corresponde ao tempo em que a própria história da humanidade vai ser aprimorando. As civilizações cresceram e o sentido da arte, podemos dizer, que foi evoluindo e se formando de acordo com os períodos que se desenvolviam.

(..)- O entendimento da Hegel acerca da beleza artística assume a seguinte forma: a beleza artística, como veículo para a expressão da verdade absoluta, apresenta perceptualmente os valores mais profundos – aqueles que contam como “divinos” – de cada civilização que passou. Como a história humana é transformada pela substituição de civilizações ultrapassadas por novas civilizações, o perfil da beleza artística transforma-se à medida que cada novo estágio do desenvolvimento global da autoconsciência entra em cena. (BEISER, Frederick C. 2014; p.410).

Com esse movimento histórico, a dialética na estética hegeliana tende a construir uma forma de análise sequencial de fatos e significados referentes ao processo histórico da arte e de seus atributos como um elaborado sistema cheio de conceitos e certas estruturas agrupadas em subdivisões que caracterizam os principais tipos de concepções artísticas no decorrer da sua história. Esse método sistemático abrange não só um aspecto metafísico da arte, como coloca uma relação comum dela e os outros temas interligados por meio de seus fenômenos, a saber, a filosofia e a religião. “É justamente este o esquema que Hegel seguiu ao traçar a síntese das três manifestações grandiosas do espírito, arte-religião- filosofia, principalmente nos famosos cursos de suas aulas, que contêm alguns de seus pensamentos mais belos e mais sugestivos”. (REALE – ANTISERI, 2007; p. 129).

Nesse sentido, o pensamento hegeliano – que parte das concepções religiosas e filosóficas, tende a construir um sentido não só estrutural, mas ideal e organizado em observância ao contexto de sua época e de como a questão da arte significava na filosofia de uma Alemanha romântica.

### 1.1 O romantismo no contexto da filosofia alemã

Um período que marcou época e revelou pensadores e admiradores na cultura alemã e consequentemente, na Europa, foi o período do romantismo. De fato, grandes obras de artes que surgiram no final do Medievo e na Modernidade, foram essenciais para as principais indagações não só dos poetas, mas também dos filósofos.

Após a Revolução Francesa, toda Europa se viu num novo mundo que se iniciava e novas descobertas que surgiam. Alemanha se tornou o berço do romantismo e buscou promover esse novo período como uma forma de resposta ao empirismo inglês e as posições revolucionárias e controversas do Iluminismo. Com isso, a nova percepção alemã romântica foi ganhando espaço nos meios acadêmicos e as suas aspirações deram origem a um movimento.

O movimento “STURM UND DRANG”, que pode ser traduzido por “tempestade e ímpeto”, ou “tempestade de sentimentos”, ou “ímpeto tempestuoso”, traz consigo as seguintes ideias: a) a natureza entendida como “força criadora” de vida e dinamismo; b) a exaltação da figura do “gênio”, como realização acabada deste ímpeto criador; c) a religiosidade como forma de acesso ao Absoluto: contrariamente à visão deísta e ateísta do Iluminismo, valoriza-se a experiência religiosa, não só de matriz cristã, como também pagã (os mitos gregos e germânicos) e panteísta (Espinoza vai ser um dos ícones de alguns românticos); d) o nacionalismo, ou o “povo” (ao contrário da concepção iluminista de Estado) como possibilidade da realização do ideal político de liberdade; e) exaltação do sentimento de liberdade, não só política, mas como desejo de transgressão de toda norma, convenção e lei; f) exaltação do sentimento, de paixões calorosas e impetuosas. (REALE, Giovanni- ANTISERI, Dario; 2007 p. 03).

As Universidades alemãs, mais particularmente a Universidade de Iena fez surgir grandes pensadores idealistas do novo movimento romântico. “Yena no centro da Alemanha, foi o lugar escolhido pelos românticos alemães para divulgar suas ideias na pessoa dos irmãos August e Wilhelm Schlegel, criadores do “círculo dos Schlegel” aos quais aderiu o poeta Novalis e outros, além dos filósofos Fichte, Goethe e Schelling”. (REALE - ANTISERI; 2007; p. 15).

Considerados, como os primeiros românticos idealistas de uma Alemanha que buscava reestabelecer no cenário europeu da filosofia, da política e da cultura, esse grupo de jovens começou a expor suas ideias e foi ganhando força e notoriedade além do próprio kantismo que existia na época. Como se pode entender, o Romantismo trouxe novas possibilidades de reflexão acerca de assuntos importantes – que devido à parte da subjetividade kantiana, não expressava totalmente o sentido real que se buscava atingir, mas reformulando e adicionando uma metafísica idealista absoluta se deu uma perspectiva de filosofia que se desejava alcançar.

Esse movimento cultural que se expressava por sentimentos muito fortes sobre a vida espiritual, do seu carácter religioso e de sua realidade histórica é que vai se tornar, extremamente fundamental para os estilos de escritos filosóficos naquele período. É nesse contexto que o pensamento de Hegel começa a se desenvolver e começa a suscitar uma forma envolvente. Pode-se dizer que o pensamento hegeliano herda o pensamento de seus antecessores, de certo que, se torna mais radical e vai mais além naquilo que se caracteriza a ideia central do Romantismo. “O romântico expressa essa tendência ao infinito também como ‘Streben’, ou seja, como perene “tender” que nunca cessa, porque as experiências humanas são todas finitas, ao passo que seu objeto é sempre infinito e, como tais, são sempre transcendidas. (REALE, - ANTISERI; 2007 p. 12).”

O Romantismo vai estender suas influências em todas as principais ideias culturais e de todos os meios acadêmicos da Alemanha, tendo como característica básica, a relação do finito com o infinito, do homem com o espírito e com a natureza. Além disso, o grande marco dessa época alemã será a introdução do espírito clássico da Grécia de forma que levará muitos pensadores alemães a redescobrir suas ideias e expressá-las nos diversos pontos da cultura alemã, como a música, a filosofia, a pintura e a literatura.

O “renascimento do clássico” no espírito alemão e *do* espírito alemão, graças a perene juventude da natureza e do espírito: esta seria a suprema aspiração de muitos escritores. Como escreve ainda Mittner: “Excetuando-se pouquíssima de suas realizações supremas, todo o classicismo alemão oscilava entre duas tendências opostas: imitação mecânica da arte grega, isto é, mais arte classicista do que substancialmente clássica, e aspiração a novo e genuíno classicismo, inspirado pelo espírito grego, mas surgido da evolução orgânica do espírito alemão. (REALE, ANTISERI, p. 07).

De fato, o componente clássico grego, tornou-se algo que não só rejuvenesceu o espírito e as aspirações dos escritores alemães, como também formou a base essencial da novidade filosófica que se apresenta na cultura do século XVIII e no início do século XIX.

Esse novo sentido clássico não buscava tentar imitar os pensadores da antiguidade grega, mas visava renovar o classicismo com seu próprio espírito alemão, onde o homem se autorrealiza em relação e conformidade com a natureza. Não é à toa que os principais membros do movimento “Sturm und Drang” como Herder, Schiller, Goethe, Schleiermacher, Schelling e posteriormente Hegel, vão demonstrar os adeptos da reutilização da filosofia grega, formando assim, o Neoclassicismo. “Assim o Neoclassicismo aspirava a transformar a natureza em forma e a vida em arte, não *repetindo*, mas *renovando* o que os gregos já tinham feito”. (REALE, ANTISERI, 2007).

“O aspecto sistemático, metafisicamente fundamentado, da estética de Hegel não é sua única característica essencial. Hegel estava escrevendo quando o romantismo inspirava uma geração mais jovem e quando questões autoconscientes acerca dos méritos relativos das “modernas” obras de artes, em comparação com as obras dos “antigos”, estavam no centro da cena da teoria estética”.( BEISER Frederick C., org. 2014 p. 407).

O contexto histórico, filosófico e cultural, do qual Hegel se apresenta, vão lhe favorecer bastante, bem como o meio acadêmico das universidades, que estão voltados para a realidade romântica e idealista. Assim uma nova oportunidade filosófica e artística aparece para fermentar os pensamentos teóricos dos primeiros idealistas e posteriormente, a teoria hegeliana sobre a estética.

## 1.2 O princípio subjetivo do ideal no belo artístico

Não muito distante de Kant, no que se diz respeito ao sentido do valor subjetivo e da relação do sujeito com o que está a sua volta, a filosofia de Hegel tende e compartilha desse mesmo pensamento comum e relaciona de forma intrínseca e absoluta, refazendo, de certa forma, todo o valor objetivo, sendo a principal ideia tratada somente no seu interior até alcançar o Ideal Absoluto. É aqui que a arte romântica se baseia e por meio desse “retorno” do exterior ao interior, do mundo sensível para o mundo do espírito, é que se dá a autoafirmação do Espírito.

“Esta elevação do Espírito para si mesmo, com a qual em si mesmo se encontra a objetividade que até então tinha sido obrigado a procurar no mundo sensível e exterior e na qual adquire o sentimento e a consciência da sua união consigo mesmo, é ela que constitui o princípio fundamental da arte romântica .a este princípio se liga necessariamente um outro: o de que a beleza do ideal clássico, e portanto a beleza na

forma mais adequada ao conteúdo que se tem de exprimir, não constitui o fim supremo, o fim último da arte romântica”. (HEGEL Georg W. F. 2009, p.570).

Conforme o sistema hegeliano vai se fechando no seu processo histórico da arte, da mesma forma também vai adquirindo uma interioridade cada vez mais subjetiva, onde o ponto mais importante está no fenômeno da autoconsciência, em alcançar o ideal absoluto em si mesmo, num retorno para si, pois, afinal de contas o estado em espírito é o seu autoconhecer. Dessa forma, a autoconsciência é livre e se expressa nos diversos tipos de arte.

“Dado que o objeto artístico ideal é a autoconsciência humana em seus diversos modos, uma conexão é forjada entre a arte e a liberdade – esse modo de ser que Hegel frequentemente atribui a uma autoconsciência social ou espiritualmente desenvolvida. As melhores obras de arte expressam, consequentemente, a liberdade e a moralidade. Além disso, uma vez que, na perspectiva de Hegel a liberdade e a moralidade se interpretam, a estética e os valores morais se entrelaçam ao mais alto nível de valor estético”. (BEISER, Frederick C. .org. 2014; p. 423).

Em relação ao ideal objetivo – que se dá na realidade exterior, não é ignorado, mas não representa mais nada além de um ponto formado pela conexão do belo com a natureza, onde acaba retornando para a interioridade pura da ideia do belo. Em resumo, o princípio do ideal artístico se origina na própria autoconsciência como ideia, depois capta a sensibilidade exterior e volta para si; um movimento que fica em si mesmo e para si mesmo. “Assim o belo é a manifestação do “ideal”; o ideal não abstrato, é a ideia presente e transparente no objeto idealizado; sejam os humildes objetos cotidianos de uma natureza morta holandesa, seja o semblante de uma madona de Rafael” (DUFRENNE Mikel; 1972 p. 44).

Por conseguinte, Hegel vai mais longe que Kant quando tenta aprimorar a realização do belo como uma ideia absoluta manifestada no espírito, pois enquanto Kant sugere apenas uma possibilidade de certa verdade e certa moralidade existente no belo, de forma tímida e superficial, Hegel acaba radicalizando por aprofundar na ideia absoluta ao afirmar que o Belo enquanto tal, é a própria verdade.

“É em Hegel que se explicita a ideia - apenas esboçada por Kant – de uma reconciliação entre a natureza e o espírito. Hegel sem dúvida se interessa antes de tudo pela arte. Ele não elabora, como Kant, uma teoria do juízo estético, mas uma teoria da arte e do seu devir. Do seu devir, porque, com Hegel, uma nova ideia conquistou direito da cidadania em filosofia: a ideia da história”. (DUFRENNE, Mikel, 1972 p. 43).

O processo que Hegel formula é sem dúvida, o de movimento na história da arte que vai sendo representada nos principais períodos das civilizações. Para cada período, um

novo tipo de arte vai se manifestando e aperfeiçoando o modo da arte anterior, de forma que não a substitui, mas lhe dá um complemento, num sentido cada vez mais intrínseco, entre o homem e a arte. É nessa teoria que se explica o sistema hegeliano das belas artes e seus períodos correspondentes.

“Ficamos sabendo que os semblantes do belo são múltiplos e sua diversidade é irreduzível através do tempo. Mas isso não nos deve conduzir a um relativismo ou a um ceticismo superficiais, pois o devir é pensado por Hegel sob os auspícios da dialética: obedece a uma necessidade lógica, que orienta e o racionaliza (a tal ponto que quase deixa de ser devir: é um problema momentoso- que não será por nós aqui abordado- saber em que medida a dialética pode recuperar a história e se o lógico não corre o risco de suprimir, de alguma forma, o cronológico por ele suscitado e ilustrado)”. (DUFRENNE, Mikel, 1972, p. 43).

O que vai predominar no sentido da arte para Hegel, será a sua própria capacidade de autossuficiência, que sempre estará voltada para si mesma tendo em conta uma forma baseada na ideia do Belo e de seu movimento histórico. O Belo é a ideia que está em si mesmo, e a arte é a sua idealização.

### 1.3 A ideia do belo na arte

Introduzindo a ideia da história como movimento artístico que se expressa no decorrer do processo histórico, nos períodos em que manifesta o Espírito Absoluto, Hegel coloca toda a perspectiva e o significado do Belo presente na cultura das maiores civilizações – de modo especial no Ocidente, ou seja, na Grécia. O Belo na arte não só representa a capacidade de algo verdadeiro, como se torna a verdade absoluta do ideal artístico por meio da sensação. O movimento da ideia do Belo que Hegel desenvolve não é uma coisa sem sentido, pelo contrário, tem tudo haver com a sua dialética de ideal artístico e com a natureza. O autor do livro “Estética e Filosofia”, Mikel Dufrenne chama esse movimento de devir, e questiona sobre o que é o devir da ideia em Hegel.

“Mas se esse devir é um devir lógico, é, por acaso, um devir da ideia? Não. Não há mais ideia do Belo em Hegel; mas o belo é a ideia mesma, encarnada. Enquanto o belo era, em Kant, ao mesmo tempo que símbolo da moralidade, promessa de verdade, aqui ele é a própria verdade sob uma forma sensível. O que é, com efeito a ideia em Hegel?”

Ao se perguntar a respeito disso, Dufrenne, utiliza as próprias palavras de Hegel para responder o belo da ideia na estética hegeliana.. Na sua obra *Esthétique*, I. 124. (extraídas do Tomo I, - que é a “parte geral” da “filosofia da arte”, Hegel diz:

“(...) um objeto absoluto da consciência”, isto é, a verdade suprema em que são superadas todas as contradições; essa verdade não é a verdade de qualquer objeto, é a identidade da verdade e do objeto, da ideia e da natureza: o movimento do verdadeiro revela-se como realidade última. Ora, essa verdade que a filosofia deve laboriosamente conquistar é, de algum modo, imediatamente dada na experiência estética: a ideia nela está presente sob uma forma sensível. É assim que “entre os gregos a arte foi a forma mais elevada sob a qual o povo se representava os deuses e tomava consciência da verdade”. E toda a história da arte mostra o desenvolvimento da ideia sob o véu sensível, a tal ponto que “o espírito que olha mais para longe se afasta desta forma objetiva, a rejeita, reentra em si mesmo”. (DUFRENNE, Mikel, *estética e filosofia*, p. 43 e 44).

A realidade exterior na percepção de Hegel, não se torna uma controvérsia com a ideia do Absoluto, que tem um princípio interior e espiritual. É certo que, a relação da ideia com o mundo exterior é indispensável, pois a arte hegeliana é caracterizada pela sua sensibilidade, ao mesmo tempo em que a ideia da arte se torna absoluta por meio dos seus conceitos. Enquanto a exterioridade é objetiva e finita, a subjetividade da beleza vai mais longe; pois a ideia significa uma auto transcendência infinita, onde o belo se manifesta. “Para darmos da ideia uma definição mais rigorosa, diremos que, enquanto existente em si e para si, a ideia é também a verdade em si, é o que participa do espírito, de um modo geral, o que é o espírito universal, o Espírito Absoluto”. (HEGEL, Georg W. F. 2009; p. 120).

A ideia não é o resultado da exterioridade enquanto tal, e nem o próprio espírito finito e particular das coisas, mas está além da sensação estética presente nas artes que Hegel estabelece. Ela significa a manifestação do espírito universal de forma absoluta. A ideia do belo ocupa essa realidade espiritual que se origina no conceito de si mesma presente na sua existência. Hegel acaba aprofundando ainda mais o sentido de idealização do ser finito em relação com a natureza- e a infinitude da ideia absoluta. Para ele, existe o espírito finito e a natureza como realidades diferentes e particulares, onde ambos, se tornam opostos, enquanto que a ideia é o universal transcendente ao infinito do espírito absoluto, que possui a própria verdade.

“O espírito absoluto é o espírito enquanto universal e não enquanto particular e finito. Determina-se como o que recebe a verdade de uma verdade universal. É certo que estamos habituados a colocar o espírito ao lado da natureza como se esta igualasse em dignidade, como se as relações ente espírito e a natureza fossem de igual para igual, reciprocamente independentes. Ora, nós postulamos, aqui, a oposição de espírito e natureza. O espírito que, separando-se da natureza, se opõe a ela não é o espírito absoluto, mas o espírito finito que recebe a verdade do espírito

absoluto onde a natureza se situa de um modo ideal. Ele se deferência em virtude das suas imanes atividades e se decompõe em termos opostos – a natureza e o espírito finito-, termos que, embora representem a ideia total, apenas representam sem constituírem sua verdadeira forma”. (HEGEL, Georg W. F. 2009, p. 120).

Portanto, Hegel afirma que o sentido ideal é aquilo que o espírito finito deve alcançar na natureza idealizada no espírito absoluto, onde está verdadeiramente representada e não no estado da natureza em si; pois o espírito tem por finalidade, sair da natureza enquanto tal e se elevar-se ao espírito universal que lhe comunica a verdade.

#### **1.4 Arte, filosofia e religião.**

Quando se trata da ideia hegeliana, em que se volta para si mesma num autoconhecer e totalmente autoconsciente, devemos entender que estamos falando do autoconhecimento do Espírito Absoluto e sua maneira de se manifestar no conhecimento humano. Para essa manifestação do Espírito Absoluto, existe um processo dialético elaborado em três formas que se relacionam entre si, mas que não significam a mesma coisa. Essas formas são conhecidas como Arte, Filosofia e Religião respectivamente e são tratadas como as capacidades do saber humano num processo lógico e sistemático que segue uma ordem básica: intuitiva, representativa e conceitual.

“Esse auto - saber-se do espírito não é uma intuição mística, e sim um processo dialético; por isso, é processo triádico, que se realiza: 1) na arte; 2) na religião; 3) na filosofia. Essas são, portanto, três formas por meio das quais conhecemos Deus e Deus se conhece. Elas se realizam, respectivamente: 1-atraves da intuição sensível (estética); 2- através da representação da fé (religiosa) e 3- através do conceito puro (filosofia). Eis como Hegel caracteriza, de modo claro e preciso, estes três momentos dialéticos da filosofia do espírito”. (REALE; ANTISERI; 2007 p.128).

As formas constituem um entrelaçamento que se estende no decorrer de um processo dialético e histórico, subdividido entre cada uma delas. E em cada etapa que elas se manifestam, é necessário que a etapa atual suprima a anterior e se realize no seu tempo e é nesse pensamento das formas trípticas, onde Hegel vai considerar que a etapa atual da Arte, da Filosofia e da Religião, se realiza plenamente no seu atual período moderno de maneira total.

“A partir da perspectiva de Hegel, as expressões artísticas, religiosas e filosóficas servem ao mesmo propósito: elas dão forma a uma constelação de valores

intrínsecos de uma civilização. Dependendo do momento histórico, um desses três modos de expressão do “*absoluto*” prevalecerá como modo preferido. Qualquer que seja a escolha, todavia, a arte, a religião, e a filosofia, constituirão conjuntamente, a estrutura cultural de um povo ao articular diversamente uma expressão historicamente condicionada, particular, da universal aspiração humana pela perfeição e pela verdade suprema”. (BEISER, Frederick C. org. 2014 p. 410).

No esquema triádico da Filosofia do Espírito, se desenvolve uma estrutura ordenada e que se caracteriza pela percepção hegeliana que parte, inicialmente, da sensação (arte) para o conceito puríssimo e ideal do espírito (filosófico). É por isso que a arte é a primeira na elaboração da estrutura, pois parte de uma exterioridade sensível, enquanto que a religião vai além, e representa a imagem mentalmente interna do divino, que se finaliza na filosofia do conceito puro e totalmente intrínseco. “Em conformidade com sua ordem lógica “da sensação ao conceito”, a arte sempre é a primeira a assumir a supremacia cultural como o modo predominante de expressão cultural de uma civilização”. (BEISER Frederick C., org. 2014; p. 410).

As formas dialéticas da filosofia do espírito estão presentes em todas as civilizações e se manifesta no mesmo seguimento ordenado – da sensação ao conceito- sem desmerecer nenhuma forma anterior, mas assumindo uma melhor realização no atual momento histórico que se apresenta e suas características históricas, seguem sempre o processo de um movimento de fora para dentro, seja na arte, na filosofia ou na religião. “Das três, a arte e a religião estão, para Hegel, particularmente associadas, pois diferentemente da filosofia, essas duas esferas de expressão são ambas fundadas na sensação”. (BEISER Frederick C. org. 1993; p. 413).

No pensamento hegeliano essas três expressões são consideradas essenciais e o fundamento principal e indispensável para a formação cultural de um povo. Este seguimento que vai de um ponto ao outro, tem suas “raízes” na filosofia platônica, mas com outro tipo de significado.

“Assim como Platão caracterizou a passagem espiritual da ignorância à verdade como um movimento que caminha do reino da sensação para o reino do puro conceito, Hegel descreve a passagem da expressão cultural que vai da arte para a religião e para a filosofia como um movimento que começa com a confusão e a contingência da percepção sensível e termina com a clara exatidão e necessidade do pensamento puro. Inspirado por Platão, Hegel desvaloriza a sensação em favor do puro pensamento e permite, inevitavelmente, que o próprio espírito de Platão, com sua notória desvalorização, assombre a sua teoria<sup>1</sup>”. (BEISER Frederick C., org. 2014 p. 411).

---

<sup>1</sup> Enfatizo aqui à influência de Platão sobre Hegel. Todavia, de modo a apreciar plenamente o ponto de vista de Hegel, é essencial levar em conta a influência de Aristóteles. Embora Hegel estivesse alinhado com Platão em sua preferência inequívoca a modos de expressão puramente conceituais, antes que modos sensíveis, ele não

Hegel acaba afirmando que os pensamentos conceituais das coisas são preferíveis aos modos sensoriais e se baseiam somente nos puros conceitos, perdendo, por assim dizer, todo o seu valor sensível. Então, o que prevalece como prerrogativa no processo da história da humanidade é só o valor puro do pensamento filosófico. Parece que a questão disso tudo se fecha na sua própria realidade histórica como uma realização total e absoluta como se o período atual fosse o encerramento de tudo.

“Em todos esses desdobramentos histórico-dialéticos, sobretudo, duas coisas chamam a atenção: em primeiro lugar, a evolução pareceria cessar com a terceira fase na qual tudo pareceria chegar a seu termo; em segundo lugar, a história da filosofia, de Tales a Hegel, apresenta-se como grandioso teorema, que se desdobra no tempo e no qual *cada* sistema constitui uma “passagem” necessária. E esse teorema parece encontrar sua própria conclusão precisamente na filosofia de Hegel”. (REALE; ANTISERI; 2007 p.129).

Logo concluímos da própria concepção de Hegel que sua tríade acerca da história da arte, religião e filosofia, possui aspectos característicos, de certa evolução cultural que parte no período clássico Grego-romano, depois no período cristão medieval e por fim no período romântico da modernidade alemã.

### 1.5 O sistema da arte hegeliana

O desenvolvimento sistemático da arte hegeliana é colocado de uma maneira ordenada e hierárquica constituído as cinco belas-artes até então conhecidas no século XVII. A arte é proposta na filosofia hegeliana, como vimos, a partir da sensação objetiva do que está no exterior da realidade humana. Por conseguinte, Hegel aprofunda a análise de cada uma das artes – arquitetura, escultura, pintura, música e poesia- tendo o mesmo pensamento dialético que expressava no processo histórico das três formas da filosofia do espírito: arte, religião e filosofia.

O sistema das artes constituído por Hegel possui uma estrutura sistemática e os tipos de arte estão elaborados e agrupados por subdivisões em cada uma das cinco artes descritas por ele. Todo o sistema está unificado num mesmo sentido de beleza que

---

aceitava – como uma expressão definitiva – a peculiar concepção de Platão do pensamento puro como constituído por (aquilo que Hegel denominava) “universais abstratos”. A esse respeito, Hegel era mais aristotélico.

corresponde com o período do tipo de arte representada. A arquitetura encabeça a lista e representa a ideia mais fisicamente ao exterior. Ela predomina no período simbólico que tem suas origens remotas na cultura das principais civilizações antigas, que existiram nas épocas anteriores como, por exemplo, o Egito, a Mesopotâmia e demais outras civilizações orientais.

A escultura é a arte segunda, semelhante à primeira, mas com uma representação diferente, pois ela está mais incorporada na harmonia com o homem, devidos aos seus traços naturais que são parecidos aos homens. A escultura faz parte do período clássico grego-romano de modo mais perfeito que a arquitetura, porém, ainda, presa na realidade sensível como a primeira, e exprimindo apenas um valor mais equilibrado, em relação ao homem, que a sua antecessora, de modo que esse período em que a arte grega e romana representa, está mais desenvolvido culturalmente, - devido o seu caráter histórico e valor artístico, contudo, não se realiza plenamente.

A pintura é a terceira na ordem hierárquica da estética de Hegel, porém ela é também, a primeira de um período que reúne, ainda, a música e a poesia. O período romântico, - que representa a terceira fase das expressões artísticas, é o que vai fechar, por assim dizer, todo o sistema estético de Hegel. Nesse período as três artes ocupa um posicionamento mais próximo da realidade absoluta, superando as duas primeiras artes em todos os sentidos, seguindo aquela mesma progressão “da sensação ao conceito” do externo para o interno como forma de manifestar o espírito absoluto. As três artes românticas serão, portanto, as mais avançadas artes nas expressões culturais das civilizações.

#### 1.5.1 A arte e a estrutura sistemática das cinco belas artes

As cinco obras de arte – arquitetura, escultura, pintura, música e poesia- traduzem para Hegel, uma teoria de que, exatamente, se entende por arte. Elas se formam categoricamente dentro de um sistema logicamente desenvolvido na perspectiva histórica, mas que não deixa de ser um processo idealizado no seu pensamento primordial e característico. “Embora seja sistemática, a estética de Hegel não é autossuficiente; ela depende fortemente dos pressupostos de seu sistema idealista”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p.407).

Na sua época, a ideia de arte não tinha se desenvolvido de maneira tão abrangente como se tem hoje. Hegel considerava na sua percepção, apenas essas cinco artes como as principais, no qual as outras artes - que não expressavam cognoscitivamente a sensação e, que, portanto, elas eram postas em subgrupos de maneira secundária. Mas o que

realmente poderia ser considerado arte? Aqui primeiramente, tentaremos entender o que significa “arte” na teoria hegeliana para compreender necessariamente a elaboração do seu sistema.

“O conceito de arte é algo diferente. Historiadores dizem que a própria ideia da existência de um conjunto de características essenciais que distinguem obras de arte de outros artefatos é uma ideia que surgiu aos poucos ao longo do tempo (Kristeller 1951, 1952) e que apenas com Hegel e seus sucessores é que ela assumiu a forma de um pressuposto plausível. Poderíamos manter o termo “arte”, mas aceitando ao mesmo tempo em que o que se considera arte varia muito de uma cultura ou período histórico para outro. (...) O próprio Hegel, um dos poucos filósofos com conhecimento de primeira mão das artes e com instintos críticos equilibrados, sustentava que a filosofia da arte só tem substância quando é idêntica à história da arte (apropriadamente interpretada, naturalmente)” (KIVY, Peter org. 2008; p. 201).

A arte ganha um novo significado neste período que, tanto na Alemanha, como na Europa estava se passando mudanças políticas, filosóficas, religiosas e culturais. Foi em Kant que o novo sentido de arte começou a surgir e que depois, seria aprofundado e sistematizado por Hegel. Neste contexto cultural, em que o Romantismo estava em alta, a nova concepção de arte muda. “Na medida em que Hegel afirma que a arte carrega conhecimento metafísico, ele concorda com outros importantes teóricos da arte da época. Schelling e Schopenhauer, por exemplo, sustentavam concepção semelhante”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 409).

O que até então, era conhecido em termos estéticos do Belo, nas filosofias gregas e medievais, acaba ganhando um novo sentido com o período romântico e com a ideia absoluta na filosofia hegeliana. No que se pensava sobre a arte, Hegel vai mais longe que os seus compatriotas e consegue atingir pontos inimagináveis sobre o modo de pensar em arte.

“Uma característica distinta do pensamento de Hegel sobre questões artísticas, contudo, é seu penetrante impulso filosófico para elevar os modos puramente conceituais de expressão acima dos modos puramente sensoriais. Como a expressão artística é realizada, de modo geral, pela modificação da aparência dos objetos na experiência sensível, a preferência de Hegel por aquilo que é puramente conceitual o impele, em última instância, a situar a arte em uma posição de moderado descrédito”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 409).

Se considerarmos hoje, a real situação do significado da arte, como pode ver, é uma realidade desfavorável e estranha, com muitos problemas que tiveram início com o próprio Hegel.

“Foi apenas no século XIX, e na esteira lições de estética de Hegel, publicadas após a sua morte, que o tema arte veio a substituir a beleza natural como objeto principal da estética. Essa mudança fez parte da grande transformação da opinião intelectual que hoje conhecemos como movimento romântico e que colocava os sentimentos do

indivíduo, para quem o eu é mais interessante do que o outro e vaguear mais importante que pertencer, no centro de nossa cultura”. (SCRUTON, Roger; 2015; p. 107).

A perspectiva da teoria hegeliana é de uma idealização da arte total e absoluta em seu processo histórico atual. O significado da arte, no decorrer da História da Humanidade parece sofrer consequências graves com a percepção artística de Hegel. Se existiu uma relação da história da arte, desde Platão até Hegel, então tudo indica que algo se perdeu, ou se tornou desvalorizado sendo substituído por uma nova roupagem na teoria da manifestação do Espírito Absoluto. A nova percepção lógica da teoria hegeliana perde seu carácter expressivo das realidades sensíveis no transcurso da história da arte, fazendo com que seu pensamento metafísico fique preso só nos puros conceitos.

“Trata-se de sua crença de que as relações puramente conceituais, descobertas através de investigação lógica, manifestam-se a si mesmas, repetidamente, no domínio da história humana. Ou seja, Hegel entende que a lógica do pensamento puro determina o curso da história. Tendo em vista uma metafísica idealista – uma metafísica que considera todo o universo como realização concreta daquilo que é conceitual-, isso não representa uma afirmação notável”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 412).

O objeto artístico dá lugar à ideia subjetiva de indivíduo e a arte se torna uma realidade padronizada num sistema dialético que limita e fecha na sua própria verdade, tendo em consideração somente o valor puro e conceitual das coisas. Talvez Hegel não imaginasse a proporção que a sua ideia absoluta sobre a história da arte poderia levar a grandes problemas futuramente. “Só o ideal pode formar o conteúdo desta terceira parte da *Estética*, porque o que se objetiva é a ideia do belo no conjunto das intuições que ela implica”. (HEGEL, Georg. W. F. 2016; p. 04).

O Idealismo e o Romantismo contribuíram bastante para que a teoria hegeliana sobre a arte se tornasse concreta e que a elaboração de um sistema na visão de Hegel, fosse a melhor forma de expressar as diversas realidades dos tipos de artes significativas da sua época. O sentido de arte no ideal absoluto vai caracterizar todo o pensamento teórico dos idealistas alemães e posteriormente os sucessores hegelianos. “Para Vico, Schelling, Hegel, Croce e Gentile, a arte possui uma finalidade eminentemente teórica: visa ao conhecimento das verdades últimas, da natureza profunda das coisas, do mundo inteligível, do Absoluto”. (MONDIN, Batista 2014; p. 167).

Como já foi observada, a teoria de Hegel sobre a história da arte, se baseia na própria ideia do processo dialético que representa a manifestação do Espírito Absoluto nas

três expressões culturais de uma civilização- arte, religião e filosofia. “De modo geral, esses modos de expressão cultural articulam aquilo que a sociedade considera como *divino*”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 413).

Os três períodos históricos que constituem esse processo dialético na estética, e são as divisões das expressões artísticas e religiosas na qual contém, intrinsecamente, um valor “divino”, ao longo da história de uma civilização. Hegel analisa e classifica na sua reflexão artística de modo detalhado e gradativo as formas de arte – partindo das formas mais sensíveis até as formas puras – e estruturando os seus elementos subdividindo-os, nos estilos considerados, especificamente, dos períodos em que elas se formam.

Em vista do propósito da arte de fornecer uma expressão, que possui um conteúdo *sensorial*, “daquilo que é divino”, Hegel observa que certas elaborações em torno do divino são mais adequadas que outras para a expressão artística. Essa observação constitui o modelo para sua tríplice divisão estilístico da história da arte nos períodos “simbólico”, “clássico” e “romântico”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 414).

Na divisão tríplice do sistema, cada arte se manifesta no sentido absoluto; em decorrência de seu período histórico. Ou seja, de maneira particularizada, uma das cinco artes atinge seu potencial exclusivo nos três períodos elaborados em um movimento de ascensão e queda conforme seu o tempo. No próprio pensamento de Hegel, as cinco artes compartilham da mesma realidade: Todas elas se tornam significativas a partir da expressão do seu grau máximo de beleza que ocorre no período determinado pelo seu sistema pelo qual se divide a história da arte.

“Hegel estrutura sua descrição da ascensão e queda da arquitetura, da escultura, da pintura, da música e da poesia em termos de sua tríplice divisão estilística da história da arte nos períodos simbólico, clássico e romântico. Para Hegel, cada arte individual alcança sua forma ideal durante um dos três períodos. A arquitetura é mais característica durante o período simbólico; a escultura (como a arte em si mesma) alcança a perfeição no período clássico; enquanto a música, a pintura e a poesia florescem, todas, durante o período romântico”.( BEISER, Frederick C. org.;2014, p. 417).

Há, portanto, uma evolução, no sentido expressivo, dos tipos de arte no processo histórico que aparece nos períodos estruturados por Hegel. O período simbólico; formado pela arquitetura é o primeiro a trazer representações artísticas das civilizações de maneira - no entendimento hegeliano - como “imperfeito” “tosco” e “bruto” com excesso de materialidade física nas grandes construções e demonstrando as características básicas e superficiais de uma civilização oriental primitiva. O segundo período é classificado como o

período, clássico predominante na cultura da civilização greco-romana, onde a forma de arte que se manifesta é a escultura. Nela, a arte ainda é material, porém mais reduzida em relação a arquitetura e também quanto ao seu aspecto exterior. Delimita toda a extensão da materialidade e possui nos traços modelados, as fisionomias e as expressões humanas como uma forma mais interiorizada da arte. Na continuidade sistemática das belas artes, a pintura, música e poesia, agregam o mesmo período –romântico– e possuem uma expressão mais de interioridade que as outras duas anteriores. As artes românticas encerram todo o sistema de Hegel no período romântico e conseqüentemente finaliza todo o processo da história da arte.

“O mapeamento que Hegel faz das cinco artes individuais nos três períodos da história da arte constitui uma tentativa de prover as artes individuais (de modo tradicional, definidas não historicamente) com uma organização e uma interpretação histórica. Seguindo a progressão “da sensação ao conceito”, característica do movimento histórico da arte simbólica para a arte, e para a arte romântica, Hegel sistematicamente classifica as cinco artes de acordo com a “materialidade” de seus respectivos suportes, começando com suportes artísticos tridimensionais (arquitetura e escultura), e continuando com suportes bidimensionais (a pintura) e concluindo com suportes não espaciais (música e poesia). Com isso, Hegel conforma as cinco artes plásticas em uma progressão histórica que serve como fundamento espiritual para o desenvolvimento de formas religiosas e filosóficas mais avançadas de expressão cultural” (BEISER, Frederick C. org.; 2014 p. 417).

A divisão e as subdivisões das artes na estrutura sistemática confere uma relação, não só de lógica quanto ao processo histórico, como todo o conjunto das artes representa uma unidade de interligação de um período para outro, ou de um tipo de arte para outro, sem desfazer a conexão entre elas. As formas se expressam de modo particular, enquanto arte caracterizada de período tal, mas ao mesmo tempo, todas elas individualmente, formam uma totalidade completa que abarca todo o universo de arte até se esgotarem na sua própria decadência.

“Tal como as formas particulares, consideradas como uma totalidade, representam uma progressão, uma evolução do simbólico para o clássico e para o romântico, também assim cada uma das artes, considerada à parte, apresenta uma evolução análoga, porque é as artes particulares que essas formas de arte devem a sua existência. (...)Cada arte tem seus períodos de florescimento e de frutificação, períodos que são precedidos dos de verdor e seguidos dos de seca”. (HEGEL, Georg W. F.; 2016; p. 04).

### 1.5.2 A arte simbólica

As construções arquitetônicas e as outras belas artes, que se apresentam nas civilizações antigas como as formas mais básicas de expressão cultural, não tem nenhum aspecto de ideal perfeito. A representação da arte aqui possui uma simplicidade rudimentar,

focada na quantidade excessiva do que é puramente material. Nisso, o período simbólico não consegue alcançar aquilo que é “perfeição”, pois não se desenvolve devido o seu conteúdo meramente físico e externo e se torna obsoleto durante a evolução artística.

“Eis que as obras de arte mais primitiva têm sempre conteúdos mais ou menos abstratos: histórias simples em poesia, teogonias rudimentares, com ideias abstratas, imperfeitamente elaboradas, alguns santos em estátuas de madeira ou pedra etc., representações toscas, confusas, imperfeitas, rígidas ou frias”. (HEGEL, Georg W. F.; 2016; p. 06).

Tendo um aspecto artístico inadequado e insuficiente para a concepção humana, a arte da arquitetura não transmite uma perspectiva do que é divino de modo absoluto. Dessa forma, o simbólico fica encerrado somente na estrutura da matéria, sem que haja uma capacidade de ideal puro e subjetivo. A arquitetura não tem expectativas concretas de chegar ao ponto da autorrealização absoluta e suas características artísticas se resumem na exterioridade.

“Hegel situa a arquitetura como a primeira e a mais inadequada das artes, alegando que tanto seus pesados materiais quanto suas restritas finalidades a impedem de expressar adequadamente, mesmo em uma forma perceptível, uma amadurecida concepção acerca do divino – a subjetividade humana racional. Ele julga que a gravidade e a solidez, os princípios de seus materiais artísticos, são demasiadamente mecânicas e rudimentares para refletir, de um modo explícito, a natureza da autoconsciência”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 417).

A arquitetura atinge seu ideal no período simbólico de maneira limitada, conforme as obras que se expressam. No pensamento de Hegel a arquitetura contém, de maneira bem significativa, importância na história da arte, mas suas obras não exemplificam aquilo que é puramente físico ou que é divino e os seus materiais extrínsecos impedem que o sentido da arte em si, alcance aquele ideal tão desejado na ideia da arte. “Por razões (controversas, se não duvidosas), Hegel conclui que a arquitetura permanece exterior e distante do tema próprio da arte – a subjetividade humana – e que os limitados propósitos da arquitetura não correspondem à tarefa primordial da arte”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 418).

### 1.5.3 A arte clássica

No segundo período do sistema hegeliano, a escultura é a arte apresentada no seu ponto mais elevado. Não muito diferente da arquitetura, a escultura é expressa naquilo que se torna essencialmente humano. Com formas mais definidas e materiais mais reduzidos na

exterioridade das obras, a escultura ganha um propósito mais determinante e os seus traços artísticos são incorporados num nível mais próximo a realidade absoluta.

“O propósito da escultura – fazer a forma humana expressar algo espiritual (*Werke*, XIV, 382-83/727)- requer que a própria escultura *incorpore* espiritualidade e que se coloque em relação àquilo que a arquitetura pode apenas indicar. Contudo, a incorporação escultural daquilo que é essencialmente humano deve continuar bastante limitada: com seus materiais semelhantes a arquitetura, a escultura somente pode fornecer uma visão tridimensional, material e estática da humanidade- uma visão incorporada dentro de uma forma bastante estranha á racionalidade dinâmica dos sujeitos humanos”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 418).

É na escultura que se sustenta os traços e as expressões meramente humanas, mas que ainda não representa a ideia autoconsciente. Tentar demonstrar uma necessidade o mais interior possível, por meio da necessidade de incorporação e buscar expressar algo de espiritual, compromete na sua identidade artística, pois vai implicar na forma dos conteúdos que compõe a materialidade da escultura. Por mais que não alcance a ideia absoluta da racionalidade humana, a escultura se torna uma arte querida por Hegel, no sentido de que ela transmite uma realidade natural (física) que se identifica com aquilo que caracteriza o que é humano.

“Uma vez que o modo de expressão da escultura é tridimensional, Hegel sustenta que ela *reconcilia* idealmente a humanidade com a natureza: ela exprime aquilo que é essencialmente humano com o mais alto grau de fisicalidade. Devido a essa reconciliação, o propósito da escultura – encarnar aquilo que é essencialmente humano (ou seja, a racionalidade) em matéria tridimensional – corresponde ao objetivo geral da *arte* – incorporar o que é divino (ou seja, a racionalidade) em uma forma natural, perceptível”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 418).

A escultura, portanto, tem uma excelência representativa muito grande, pois integra na sua dimensão artística, as realidade físicas naturais com a racionalidade humana tendo uma expressão mais equilibrada que se explica tanto do seu propósito natural e físico, como na manifestação essencialidade humana. Contudo a imperfeição da escultura se apresenta naquilo que significa como interioridade da ideia absoluta do homem, onde a sensibilidade se interioriza, e cabe às três últimas artes representar essa dimensão mais subjetiva.

“A escultura pode ser *artisticamente* perfeita, mas não pode conter a complexidade interior da experiência humana. Com relação a essa tarefa, as artes românticas da pintura, da música e da poesia excedem, em muito, as capacidades da escultura. Hegel observa, entretanto, que essas artes românticas, ao superarem a escultura a esse respeito, devem sacrificar o equilíbrio clássico entre o suporte natural e o

objeto, e perder, no processo, uma medida de beleza sensível”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 418).

A estrutura sistemática coloca arte romântica no fim de toda a história da arte como o mais alto grau que a arte pode chegar, e ao mesmo tempo um esgotamento artístico que se entra em decadência e encerra toda a percepção de arte até então, conhecida. A pintura, a música e a poesia vão se tornar aquilo que mais se define com divino, pois, estão além da realidade sensível, atingindo assim, o espírito ideal e o sentido verdadeiro da arte. Essas três artes românticas possuem uma realidade mais interiorizada no sistema hegeliano e mostra que no seu período romântico todos os aspectos de conteúdo tendem a expressar algo cada vez, mais a experiência espiritual e absoluta da manifestação do Espírito. Portanto as artes românticas são um aprofundamento dos pontos mais importantes do sistema hegeliano.

## **2 O SISTEMA NAS ARTES ROMÂNTICAS**

As artes românticas constituem como que a parte final da estética de Hegel. Elas formam, conjuntamente no mesmo período no qual se finaliza toda a história da arte, e se conclui todo o pensamento sistemático que foi desenvolvido. As expressões artísticas nessas três artes superam as outras duas primeiras e que, diferentemente da arquitetura e da escultura, as artes românticas já estão ocupando uma dimensão mais absoluta e mais subjetiva da ideia hegeliana. Contudo, vamos aprofundar em cada uma delas para compreender seus aspectos e suas diferenças, levando em conta toda reflexão dialética e lógica do pensamento do autor.

Uma vez que o sistema hegeliano determina e classifica as artes conforme as suas capacidades materiais, ele vai reduzindo toda a materialidade até alcançar sua liberdade ideal e sua proximidade com a verdade absoluta na arte. As artes românticas vão posicionar numa realidade mais subjetiva – a autoconsciência humana- e num reconhecimento verídico mais perfeito que as duas primeiras artes. Deste modo, acompanhando essa linha de raciocínio, as cinco belas- artes vão seguindo o mesmo esquema de continuidade evolutiva e sincronizada da progressão histórica do sistema, com uma singularidade mais espiritual, caracterizada pelo seu desprendimento da exterioridade e concebendo expressões mais perfeitas no interior do seu objeto artístico representado. É a pintura, a primeira a traçar os novos passos do sistema das artes que se encaminham- de maneira gradativa e ordenada- para a autoconsolidação da

autoconsciência humana, dissolvendo, drasticamente, as formas de apreensão sensíveis e fundamentais da dimensão artística.

“Devido essa “materialidade” diminuída, a pintura cruza o ponto intermediário em que o suporte natural e o tema humano permanecem em equilíbrio. Ora, com a eliminação de uma das dimensões do meio físico, o objeto artístico alcança uma maior liberdade para mostrar-se em sua própria forma. Essa primeira linha de raciocínio pode parecer peculiar à primeira vista, mas o pensamento de Hegel é o seguinte: na medida em que sucessivas dimensões materiais do suporte artístico são dissolvidas, levantam-se os véus que obscurecem nossa compreensão acerca do objeto artístico ideal, ou seja, a autoconsciência humana como ela é em si mesma”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014 p.419).

A pintura, sendo a primeira das artes românticas, é a que vai fazer essa “passagem” em relação aos objetos artísticos físicos para os espirituais. Nessa transição – da escultura para as artes românticas – a dimensão artística se torna mais reduzida em relação à sua primeira parte arquitetônica e escultural. Com isso, a percepção artística passa para uma subjetividade em si, cada vez mais longe dos aspectos exteriores e mais exclusiva da ideia absoluta, ou seja, a interiorização da arte vai se tornando mais significativa e mais real e assim, algo da realidade do objeto físico se perde e agora um novo sentido, o do objeto subjetivo, fica mais evidente nas artes românticas.

“A transição geral da escultura às demais artes efetua-se, como dissemos, graças à incursão do princípio da subjetividade, tanto no conteúdo como no modo de representação. A subjetividade é o conceito do ideal que está consciente de si mesmo, do espírito afastado do mundo exterior e em si mesmo recluso, em outras palavras, do espírito que já não forma uma unidade, indivisível com a sua exteriorização corporal”. (HEGEL, Georg. W. F. 2016; p.189).

## 2.1 A arte da pintura

As observações feitas por Hegel no que diz respeito à sistematização e ordenação das artes, não é só uma mera construção lógica. Sabemos que cada expressão artística tende a superar a sua antecessora, e realizar plenamente, dentro dos seus limites artísticos, a idealização da arte. Entretanto, o que difere ainda mais as artes românticas da arquitetura e da escultura, não é só esse processo contínuo e histórico, são também as dimensões dos objetos artísticos que se evidenciam. Os modos de expressão da arquitetura e da escultura são considerados tridimensionais, porque envolve a complexidade dos seus respectivos materiais

físicos como densos e “duros”. Já nas artes românticas essa dimensão física é suprimida, resultando cada vez mais num modo subjetivo e autoconsciente; ressaltando que a pintura- a terceira arte do sistema e a primeira arte romântica- é que vai expressar numa forma mais reduzida às expressões artísticas, levando apenas em consideração essas duas dimensões restantes do sistema como parte do seu suporte material. “Por meio do uso do sombreamento e da perspectiva linear, a pintura representa dimensões espaciais, tridimensionais, dentro das determinações de uma superfície bidimensional e transporta a terceira dimensão do espaço para a imaginação visual do observador”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 419).

Considerando a pintura como uma arte mais reduzida na dimensão artística e de uma sensibilidade mais introspectiva em relação as duas primeiras artes do sistema, Hegel vai determinar uma dimensão mais profunda, onde a harmonia de cores e os traços dos elementos visuais bem delineados consegue a captação da consciência humana, de modo que, a pintura produza uma sensação perfeita e enaltece os sentimentos humanos com mais precisão que a arquitetura e a escultura.

“Hegel sustenta que a pintura, devido a seu parcial recolhimento a um espaço ilusório, é capaz de sondar mais profundamente a subjetividade humana que a arquitetura e a escultura, e pode capturar o sentimento que nenhuma dessas artes pode alcançar. De acordo com isso, Hegel afirma que a tarefa própria da pintura é retratar, de uma forma bidimensional, a vida interior do sentimento humano”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014 ;p.419).

### 2.1.1 A subjetividade da pintura

A pintura aproxima a sua representação com a realidade da subjetividade humana, como uma capacidade de evolução na expressão artística num espaço em que a observação da pessoa transporta para uma intimidade pessoal e mais sentimental. O propósito da arte da pintura é aproximar totalmente a relação do sujeito consigo mesmo, de maneira mais consciente do que corporal; e é nessa particularização que se torna evidente a subjetividade mais acentuada nas formas das artes românticas. Para Hegel, a pintura consegue reunir na sua dimensão artística, tanto os aspectos corporais relacionados à arquitetura quantos os aspectos espirituais da escultura, conforme as disposições subjetivas dela mesma e resultando assim, um movimento que exprime o sentimento humano mais íntimo de si mesmo se colocado em comparação com as capacidades artísticas arquitetônicas ou as esculturais.

“Ao separar o sujeito da sua corporeidade e da sua ambiência exterior, o mesmo princípio estabelece uma mediação entre a interioridade por um lado e a

corporeidade e a ambiência exterior pelo outro. (...) Deste modo, o princípio da subjetividade é, por um lado, o da particularização, mas por outro o da mediação e do agrupamento, de maneira que a pintura reúne, numa só e mesma obra, o que até aqui pertencia a duas artes: a envoltura exterior, que era da competência da arquitetura, e a forma espiritual representada pela escultura”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p.196).

Nota-se uma conexão de relacionamento além da capacidade física e material entre a consciência humana e a pintura, de modo que, quanto mais se aprofunda na introspecção dos sentimentos humanos, mais se vai idealizando o significado da arte e a sua representação verdadeira. Na concepção de Hegel, a pessoa humana tem reflexões mais claras à respeito de si mesma e da realidade do mundo, quando começa a se corresponder com o objeto artístico na dimensão espacial e em seguida, na visualização harmoniosa das cores que formam a pintura em questão. Assim, é muito importante entender as características essenciais que colocam a pintura na posição de arte intermediária do sistema e também de como se forma seu processo evolutivo na ideia de Hegel, quando se vê numa perspectiva histórica.

“Sob este aspecto, sentimo-nos mais à vontade ante as obras da pintura. É com efeito na pintura que pela primeira vez se afirma o princípio da subjetividade ao mesmo tempo finita e infinita, o princípio da nossa própria vida, e contemplamos nas suas obras tudo o que vive, atua e se agita dentro de nós”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p.196).

### 2.1.2 A progressão histórica da pintura

O principal objetivo que compõe e classifica a pintura como uma forma de perfeição da arte presente na sistematização hegeliana, é a sua característica de retratação. Esse é o principal atributo que a pintura desenvolve na busca da realização de ideal artístico por meio de sua interioridade subjetiva; dependendo também da perspectiva artística que evolui no desenvolvimento ao longo das civilizações.

“O primeiro passo que o sensível dá para se aproximar do espírito, consiste, por um lado, na supressão da realidade da manifestação sensível que não se tornou visível senão a títulos de mera aparência, e, por outro lado, no uso das cores cujas diferenças, transições e fusões resultam desta transformação. Eis porque a pintura para exprimir a profundidade da alma, reduz as três dimensões do volume às duas da superfície, e representa as distâncias e as figuras espaciais com o auxílio de aparências produzidas pelas cores. Porque a pintura não pretende geralmente tornar os objetos concretamente visíveis, antes propõe –se obter visibilidade por assim dizer particularizante, uma visibilidade interior”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 18)

A pintura sempre foi retratada nas etapas da História, ou melhor, nos períodos estabelecidos como simbólico, clássico e romântico, de maneira progressiva, a fim de atingir seu ponto mais alto e mais íntimo na consciência humana. A evolução da pintura parte do que há de mais superficial para aquilo que traduz com mais profundidade o sentimento humano; Hegel observa nas pinturas do período simbólico –as artes egípcias e orientais- uma falta de interioridade e retratação, no qual é substituída pela pintura grega no período clássico e que também não expressa perfeitamente essa sensação de interioridade, sendo substituída assim, pela pintura cristã no período romântico. E essa sensação de intimidade, para Hegel, é bem clara nas obras de Rafael. “É certo que a arte grega ultrapassou, e de longe, a arte egípcia, no sentido em que procurou também exprimir a interioridade do homem, mas não conseguiu atingir a profundidade que caracteriza a arte cristã e, se não o conseguiu, temos de reconhecer, foi porque esta não era a sua finalidade”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p.199).

Hegel analisa os tipos de pintura em uma perspectiva histórica e reflexiva, tomando sempre a parte das obras conhecidas como exemplo que se enquadram no seu processo lógico, conforme sua representação. Ou seja, nesse processo comparativo entre os períodos, há prevalência da arte religiosa – particularmente a cristã- em relação às suas duas anteriores. A sucessão de um estilo a outro, - no entender de Hegel- é uma evidência de proporções nos momentos mais importantes da História, que influencia todo sentido humano e interioriza uma capacidade de autoconhecimento de si mesmo com o mundo. “Podemos, portanto dizer que a pintura deve antes de tudo, como a escultura, introduzir no seu domínio, o substancial, os objetos da fé religiosa, os grandes acontecimentos da História, os contemporâneos mais eminentes, exteriorizando sempre esse substancial sob a forma da subjetividade interior”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p.210).

Essa evolução artística revela que os temas foram se tornando cada vez mais significativos para edificação da arte, e que, aos poucos, foram se destacando, nas suas características principais, os quadros religiosos; desde a antiguidade por meio das representações do Império Bizantino até se concretizar no século XV e XVI cujo ápice se realizou na época da Renascença, através das figuras cristãs retratadas principalmente por Rafael. Nesse sentido, a pintura cristã excede uma veracidade maior do que aquelas que são apresentadas como gregas e orientais porque os seus aspectos figurativos são mais elaborados no período romântico.

“Se, portanto, existe, além da pintura cristã, uma pintura oriental, grega e romana, não é menos verdade que nos limites do romântico esta arte atingiu o seu maior desenvolvimento; se nos é permitido falar da pintura grega e oriental, é do mesmo

modo como, a propósito da escultura, que tinha suas raízes no ideal clássico e atingira o seu apogeu na expressão desse ideal, falamos de uma escultura cristã; por outras palavras, a pintura só na matéria da arte romântica encontra o conteúdo que corresponde inteiramente aos seus meios e às suas formas, e só tratando semelhantes temas consegue empregar e exaurir todos os seus recursos”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 200)

Todo o desenvolvimento da pintura ao longo do tempo mostrou ser uma realidade de vários modelos expressos nos quadros, na medida em que novas cores e traços nas obras mais representativas, ganhassem destaque no seu carácter espiritual, como se fossem um aperfeiçoamento além da sua capacidade histórica. Hegel vê que as pinturas bizantinas tiveram seu ideal expresso no início do Cristianismo, como base expressiva da arte cristã, mas que somente com os pintores italianos é que essa arte atingiu seu ponto máximo, isto é, seu apogeu. Quase que todas as pinturas dessa época, eram praticamente com temas religiosos exclusivamente cristãos. “Foram principalmente os italianos que conseguiram realizar admiravelmente essa adaptação recíproca da interioridade e exterioridade, esse acordo do carácter e de uma determinada situação”. (HEGEL, Georg W. F.; 2016; p.267).

Além disso, os recursos utilizados nas obras –principalmente de Rafael- caracterizados por cores vivas, suavidade e humanização, são considerados como os novos aspectos da pintura romântica. Entende-se, que na concepção de Hegel, a arte da pintura, além de proporcionar uma análise histórica e progressiva gradualmente da sua história, ela conseguiu também crescer quanto aos seus materiais disponíveis. Ou seja, os recursos artísticos dos italianos superaram os das outras artes anteriores e é por isso que suas pinturas são mais “vivas” para expressar plenamente o sentido ideal do homem.

“O desenvolvimento histórico da pintura é de grande importância não só para o estudo das obras de arte, mas também para o exame e exposição científicos desta arte. Considerados, sob oeste aspecto, o conteúdo, a elaboração dos materiais e os principais momentos da concepção recebem quanto à sua consecução e diferenciação, como que uma existência concreta” (HEGEL, Georg W. F.; 2016; p.269).

### 2.1.3 Composições na arte da pintura

Os recursos da pintura necessitam basicamente da sua composição material e de seu conteúdo –por assim dizer- romântico, como forma de apresentação na visualização humana. Sua materialidade sensível é a primeira captação que chega aos olhos humanos e lhe comunica uma retratação nas suas formas figurativas. Os elementos primordiais na pintura são as cores e o relevo que constituem sua característica principal demonstradas nos retratos e

telas. “É, portanto a cor, o colorido que constitui o elemento por excelência da pintura”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 237).

O uso desse elemento “cor” na pintura é a forma de exprimir sua singularidade em relação às outras artes. Vale lembrar que o seu conteúdo é o que mais expressa sua autenticidade enquanto arte romântica. A pintura, como qualquer outra arte romântica, possui uma diferenciação que é algo particularizado dela e mesmo que entre as três artes românticas exista uma sintonia de alguns pontos similares, cada uma delas se expressa conforme suas limitações. No que diz respeito à pintura, a finalidade essencial é ligar a exterioridade da obra até a interioridade humana, segundo aquilo que tal figura transmite, pois o seu objetivo é acrescentar na consciência humana o que não foi possível obter com a escultura. Assim, podemos dizer que se colocar na apreensão e observação de um quadro, significa romper com a realidade enquanto tal, para chegar aos seus próprios sentimentos.

“Assim, com efeito, a pintura não deve introduzir no seu domínio senão o que, contrariamente à escultura, à poesia e a música, ela é capaz de representar mediante e através das figuras e das formas exteriores, quer dizer, a concentração do espírito, cuja expressão permanece inacessível à escultura, enquanto a música é incapaz de dar uma concreta expressão exterior da interioridade e a própria poesia se limita a uma imagem imperfeita da forma sensível. A pintura, pelo contrário, está em condições de lançar uma ponte entre a interioridade e a exterioridade, de ligar um ao outro o interior e o exterior, de exprimir exteriormente a interioridade total”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 214).

É nesse sentido de interioridade que o conteúdo da pintura exerce sua representação e consegue sair da exterioridade e mesmo que as figuras sejam independentes nas formas da realidade sensível, elas precisam deixar essa realidade e demonstrar o conteúdo romântico de maneira subjetiva, ou seja, no sentido interior. Uma vez que esta saída das imagens retratadas é feita, o conteúdo torna-se uma realidade subjetiva nos sentimentos interiores do homem.

“De maneira geral, a pintura, que tem por conteúdo a particularidade da interioridade subjetiva, pode ater-se ao recolhimento das personagens em si mesmas, fora de qualquer situação determinada, mas deve renunciar a esta independência e procurar representar o conteúdo colocando-o em certas situações, em toda a sua variedade, tendo em conta as diferenças que existem entre os caracteres e as figuras, as suas relações recíprocas e com o mundo exterior”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 252).

Contudo, no decorrer da evolução artística, a pintura não consegue atingir o seu real propósito do ideal artístico. Ela está determinada numa dimensão espacial, ou seja, sua expressão necessita de elementos sensíveis e a sua capacidade de representação é formada de

figuras imóveis num momento paralisado. A pintura chega ao limite, pois seus materiais e suas formas espaciais são insuficientes para demonstrar o carácter subjetivo de modo perfeito, e essa dimensão espacial deve ser suprimida por outra expressão que possa realizar de maneira mais interiorizada e com conteúdo mais espiritual possível. Assim é evidente, que a expressão da pintura dê lugar para a arte musical.

“Mas para que o interior, de acordo com o princípio da pintura, possa manifestar-se como interioridade subjetiva os materiais correspondentes não devem ser de natureza permanente, como se fossem independentes. Obtém-se assim um modo de expressão e de comunicação em que a objetividade não entra como forma espacial, dotada de permanência, mas que é realizado com materiais sem resistência que desaparecem logo após sua utilização. Esta desapareção não só de uma dimensão do espaço, mas de sua espacialidade total; esta absorção na subjetividade, tanto do conteúdo como da sua manifestação exterior, caracteriza a segunda das artes românticas, a música”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 288).

## 2.2 A arte da música

Diferentemente da condição da pintura, a arte musical não necessita de uma dimensão espacial em relação ao seu conteúdo para expressar sua característica essencial. De fato, é preciso de certa realização exterior para manifestar a interioridade na música, porém, sua capacitação vai além da pintura e que, na representação do carácter musical, seja exercida de uma outra forma mais desenvolvida; portanto, precisa de uma nova determinação condicionada pelo movimento como possibilidade de aumentar sua expressividade em comparação à pintura.

“Se esta negação da objetividade espacial como meio de representação é um processo cuja iniciativa remonta às artes plásticas, nem por isso deixa de ser verdade que ela não se pode realizar senão ao exercer-se sobre a materialidade existente, do mesmo modo que a pintura, o que se lhe refere, reduz as dimensões espaciais da escultura à superfície. A supressão do espacial efetua-se, portanto de tal modo que uma determinada matéria sensível abandona o seu estado de repouso, põe-se em movimento, sofre uma espécie de abalo por meio do qual cada parte do corpo, até então coerente, não só muda de lugar mas procura também retornar ao seu anterior estado. Este estremecimento vibratório produz o som, que é a matéria da música”. (HEGEL, Georg, W. F. 2016; p. 289).

Se para a pintura era necessário uma harmonia de cores numa realidade física imóvel que se remota à observação pelo sujeito e daí possa introduzir no seu consciente um sentimento que aquela figura de imagem lhe transmite. Na música é preciso uma harmonia de

sons e de ritmos que nos leva a um sentido espiritual mais forte que a pintura. Por meio de uma forma representativa, em que a música exige um movimento contínuo, e que não precisa mais de uma dimensão espacial, mas, que já se projeta no tempo. “A música elimina completamente as dimensões espaciais e representa o sentimento através de uma sequência temporal de sons que, como descreve Hegel, “permanece subjetiva em sua objetividade” (Werke, XV, 133/889) (BEISER Frederick, C. org. 2014; p. 420)”.

A arte da música se constitui nesse seguimento de sons ordenados, que relacionam com a sensibilidade humana ao ponto de demonstrar suas profundas realidades sentimentais de uma maneira mais espiritual que a pintura, pois o sentimento obtido numa obra musical provoca fortes impressões no consciente humano, e mesmo que os seus elementos musicais estejam - de certa forma, constituídos pela materialidade - são considerados como elementos subjetivos que tais expressões necessitam para se relacionar, por formas, mais perfeita que as demais artes já vistas. “Hegel quer dizer que os padrões sonoros musicais são de fato, materiais, mas que “permanecem subjetivos” na medida em que representam o fluxo da subjetividade humana com mais fidelidade que a arquitetura, a escultura, ou a pintura”. (BEISER Frederick, C. org.; p.420).

### 2.2.1 Princípios gerais da música

A relação da música com as outras artes é que a sua capacidade de expressão, é mais caracterizada pelo desenvolvimento sonoro em uma determinada continuidade além do espaço, puramente entregue à sucessão de sons que se produzem na estrutura da teoria musical. Dessa forma, o som é a forma essencial que se retrata na música, dando ao ouvinte uma interiorização da sua subjetividade como plena realização da arte musical na alma humana.

“O seu conteúdo é o objetivo em si, e a sua exteriorização, longe de pender para uma objetividade no espaço, paira, por assim dizer, no ar e mostra deste modo que é uma comunicação que, em lugar de ter um apoio sólido, é sustentada apenas pela interioridade subjetiva e não existe senão por ela e para ela. De tal modo, o som é uma manifestação exterior; porém, a sua característica é a autodestruição, a auto-aniquilação. Apenas afetou o ouvido, logo se extingue; a impressão que produz interioriza-se imediatamente; os sons só encontram o seu eco no fundo mais íntimo da alma emudecida e comovida na sua subjetividade ideal” (HEGEL Georg W. F. 2016; p. 290,291).

De certa forma, o conteúdo musical se expande cada vez mais ao interior humano por meio dessa subjetividade. Hegel considera que os elementos padronizados da música,

podem não só dar uma estrutura ordenada em uma linha sequencial de notas, ritmos e de harmonia, como também representa, em todo o seu conjunto, um sentimento de reações humanas, de acordo com o movimento musical expresso pelos sons. É tarefa, portanto, da música, não se deixar aprisionar no seu conteúdo exterior, como se pode ver na própria consciência representativa, mas que ela vai à mais íntima relação, de maneira que é apreendida pela subjetividade interior e se manifestar-se como uma realidade viva na forma do sentimento. “A interioridade como tal é, portanto, a forma sob a qual a música está em condições de apreender o seu conteúdo, o que lhe permite assimilar tudo o que é suscetível de fazer parte da interioridade e assumir a forma do sentimento”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 301).

Como as demais artes, a música também evolui no que diz respeito a sua forma e a sua expressão artística. Sabemos que a execução de uma obra musical, projeta a consciência humana para uma realização sentimental, onde todos os sentimentos estão formados e são exprimidos conforme uma “linguagem sonora”, mas que, nem todos os sons que ouvimos e sentimos, conseguem formar um objeto artístico ideal; a não ser que esses outros sons sejam de uma outra forma de comunicação da alma humana, com a intenção de se manifestar naquele momento através de admiração, de uma alegria, de uma amor, de uma angústia ou sofrimento. “Mesmo fora da arte o som, como interjeição, como grito de dor, suspiro ou riso, constitui a expressão mais viva e imediata dos estados da alma e dos sentimentos, aquilo que eu chamaria o oh! e o ah! da alma”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 301).

Podemos concluir, nesse ponto, que a capacidade da expressão musical suprime a realidade espacial e, fazendo uma comparação com as artes anteriores, a música tende a mostrar a subjetividade por meio do seu movimento temporal ordenado pelos elementos essenciais da obra musical. As relações dos sons produzidos com a ideia da autoconsciência – na concepção de Hegel- rompem completamente com a realidade dos elementos físicos, onde a bidimensionalidade já não é mais necessária, mas somente a busca do sentido conceitual puro.

“As figuras da escultura e da pintura estão justapostas no espaço e formam por essa justaposição uma totalidade real ou aparente. Mas a música só pode produzir sons provocando um movimento vibratório em corpos dispostos no espaço. Essas vibrações só dizem respeito à música pela sucessão, da maneira que os corpos sensíveis participam da música não pela sua forma espacial, mas pelos seus movimentos no tempo e pela duração desses movimentos”. (HEGEL, Georg W. F.; 2016 p. 312).

Na música, a forma de conhecer e captar sua expressão essencial, parte mesmo de sua atividade enquanto tal e a sua manifestação sonora produz um movimento de sensações auditivas que exprime aquilo que há de mais vivo na sua realidade formal. Retornando para a consciência humana, acabam –por assim dizer- despertando seus sentimentos de acordo com a escuta daquela execução musical. Hegel vê na música uma maneira de introspecção subjetiva que leva o seu objeto ao mais profundo da realização artística em relação a consciência humana e as nossas experiências sentimentais são demonstradas com mais evidências nessa arte, pois, a música é capaz de apresentar um sentido mais puro do sentimento humano que a pintura e a escultura.

O que é mais importante em música é claramente a maneira pela qual uma apreensão intelectual da estrutura e do significado podem se tornar parte de uma experiência auditiva como essa. Nas palavras de Hegel: “o apelo da música reside na unidade formal transferida pela unidade da consciência para o processo temporal, e é assim reenviada, como eco, para nossa vida consciente”.<sup>2</sup> (SCRUTON, Roger; 2017 p. 224).

### 2.2.2. Os gêneros musicais

A música apresenta em diversos tipos de gêneros que se compreendem como artes musicais e são constituídos conforme sua capacidade objetiva num determinado lugar de acordo com aquela situação. A primeira constituição musical mais significativa para Hegel é a música sacra, pois, além de produzir um carácter espiritual está mais conectada com o sentimento humano – nesse caso o sentimento religioso – e representa a expressão não só individual, mas geral de uma comunidade cristã, como sendo um sentimento coletivo de maneira épica, na mesma direção, ou seja, a música sacra tende a levar sua forma de expressão para o âmbito da religiosidade humana. Neste aspecto, Hegel faz distinção da música católica para a música protestante, considerando que ambas são fundamentais para a apreciação social nos cultos religiosos, mas preservando sua individualidade no que diz respeito à forma de representação de cada uma delas.

“Esta música religiosa constitui o que de mais profundo e impressionante pode ser produzido pela arte. Das suas relações com as preces dos padres perante a comunidade dos fiéis, ascende a um lugar de relevo no culto católico, sobretudo na missa e, em geral, como sublimação musical durante as festas e os atos religiosos mais variados. Os protestantes possuem obras do mesmo gênero, que se distinguem

---

<sup>2</sup> Hegel, the Philosophy of Fine Art. Trad. Osmaston, vol. I, London, 1920, p. 333-34.

tanto pela profundidade do sentimento religioso como pela sua perfeição musical e riqueza de invenção; a este respeito citaremos apenas Sebastian Bach, de quem só recentemente se começou a apreciar a poderosa genialidade, essencialmente protestante, sólida e quase sábia”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 349).

A diferenciação entre esses dois tipos de música sacra, está na parte de apresentação e de significação. Mesmo que as músicas católicas e protestantes tenham a mesma produção e tendem para a mesma finalidade, elas se diferem, sobretudo no sentido de que a música protestante está inclinada para uma erudição na forma da oratória, deixando uma separação explícita entre a realidade do culto e a música; enquanto que na música católica há uma permanência entre a forma de culto e a expressão musical. “É certo que no protestantismo atual a música já não se une tão estritamente ao culto real, já não intervém diretamente no serviço divino e constitui por vezes mais o objeto de um exercício erudito do que uma produção viva”. (HEGEL Georg W. F.; 2016; p. 349).

Outros gêneros que também fazem parte da arte musical são a música lírica e a dramática, e ocupam um lugar de inferioridade em relação à música religiosa. Hegel afirma que os tipos de gêneros musicais já existiam na Antiguidade, mas que apenas a música lírica e a dramática é que chegaram ao ponto mais alto, ou seja, tiveram seu ideal por meio das apresentações das tragédias gregas e romanas, das encenações teatrais e posteriormente na ópera. Quanto à música religiosa, também já possuía representações nos cultos do período simbólico; seja nos templos pagãos greco-romanos, seja nas sinagogas judaicas. Porém, esse tipo de gênero musical só atingiu seu ideal com o Cristianismo e que para Hegel, a época cristã se tornou como a síntese de um processo histórico e dialético entre o mundo grego e o mundo judeu, passando do paganismo para o monoteísmo, da Lei de Moisés, para a Pessoa de Jesus Cristo.

“Porque além da música religiosa ou épica, e da música lírica, há a música dramática. A tragédia antiga era musical, mas a música não desempenhava nela papel dominante, pois nas obras poéticas propriamente ditas o primeiro lugar pertence à expressão verbal das ideias e dos sentimentos, e a música que atingira entre os antigos o grande desenvolvimento melódico e harmônico da música da época cristã não podia servir senão para animar, ritmando-as as palavras poéticas, para assim as tornar mais acessíveis ao sentimento”. (HEGEL Georg W. F. 2016 p. 349- 50).

### 2.2.3 O sentimento e a música

Entre as cinco belas artes do sistema hegeliano, a música deve ser a mais controversa de todas. Hegel com certeza teve dificuldades de encaixá-la no seu sistema devido algumas contradições entre o sentido subjetivo da autoconsciência e a realidade do

sentimentalismo humano. De certa forma, todas as suas conclusões de como a arte musical representa o belo, apresenta algumas indagações pertinentes quanto à forma do conhecimento intelectual, da sua concepção musical e da aversão de Hegel pelo sentimento comum que temos por meio da sensação. A dificuldade de Hegel de não aceitar esse sentimento como fator para o conhecimento da arte apreendida, causa uma contradição no seu pensamento, pois, se o sentimento humano não contribui para se chegar à uma apreensão, o que fica como forma de um conhecimento artístico é só fica algo insuficiente de uma apreensão superficial. “Ao longo de seus escritos maduros, Hegel constantemente condena o sentimento em geral enquanto um modo de conhecimento, associando-o uma superficial e irrefletida imediatividade da apreensão que nunca poderia articular a complexidade interior das coisas<sup>3</sup>”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p.420).

Observa-se que o problema da arte em Hegel se torna real, devido a falta de entendimento, pois a sensação é desconsiderada enquanto parte de conhecimento da apreensão artística. Isso já estava quase evidente na medida em que a progressão histórica da arte se desenvolvia nos determinados períodos construídos, levando cada vez mais a uma redução das partes essenciais dos tipos de arte, visando querer alcançar uma finalidade inteiramente conceitual da arte.

“A atitude de Hegel em relação a música, é de certo modo, confusa, assim como sua atitude diante da arte em general<sup>4</sup>. Reconhecendo sua não espacialidade, ele atribui à música um alto valor. Mas, devido a seu confinamento à esfera genética do sentimento, ele recusa-se a situá-la no mais alto nível espiritual. De modo a carregar artisticamente aquilo que é verdadeiramente humano, em uma forma particularmente humana, um suporte conceitual, não espacial, é necessário. Assim, Hegel volta sua atenção à poesia e a classifica como a arte mais profunda<sup>5</sup>”. (BEISER, Frederick C. org. ; 2014; p. 421).

Consequentemente a arte musical não consegue o ideal do espírito, limitando-se somente a uma forma de realização aos sentimentos humanos ainda que, possuindo uma subjetividade de consciência mais perfeita que à pintura. Mesmo traçando uma comparação lógica do conteúdo da música com as demais artes ao se colocar no seu sentido espiritual além

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, a Enciclopédia das Ciências Filosóficas, seção 405 (Werke, X, 124-32).

<sup>4</sup> A aversão platônica de Hegel em relação à sensação (uma aversão que não deve ser interpretada como uma fuga da “concretude”) mostra-se aqui em sua crítica do sentimento como oposto ao pensamento conceitual

<sup>5</sup> A música expressa seu tema de um modo não espacial, embora seu tema permaneça não conceitual; a pintura expressa conteúdo conceitual, embora faça isso de um modo não espacial. Em sua capacidade de expressar conteúdo conceitual de um modo não espacial, a poesia combina as virtudes de ambas, a da pintura e a da música.

do espaço, mas permitindo uma expressão temporal, a concepção de Hegel sobre a música é tida como pouco profunda. Para ele, ela se tornou uma relação essencialmente sensível do homem com as outras formas sensíveis e também uma representação animadora que se estabelece entre os homens nos ambientes de espetáculos e de cultos, tornando-se imperfeita enquanto busca da autoconsciência espiritual e absoluta. Nesse seguimento incansável de colocar a arte em si num conceito totalmente espiritual, dissolvendo toda a estrutura sensível de arte em arte, Hegel posiciona a poesia como a arte capaz de alcançar o Ideal e assim poder completar todo o sistema artístico na sua “lógica determinista”.

“Apesar de sua notável capacidade para exibir as formas do sentimento humano, a música não é capaz de carregar aquilo que Hegel acredita ser essencial à subjetividade humana: a autoconsciência e sua associada interação de formas conceituais. Embora a música seja muito mais transparente do que a arquitetura, a escultura ou a pintura, Hegel a considera como restrita à representação do sentimento – um aspecto da consciência que humanos compartilham com outras criaturas sensíveis. Hegel nota, nisso, a séria imperfeição da música em comparação com a poesia”. (BEISER Frederick C. org.; 2014; p. 420).

### 2.3. A arte da poesia

A última das artes românticas é a síntese das duas primeiras, e nela a concepção hegeliana atinge o máximo sentido de autoconsciência que se pode chegar. Se a música é a arte que exprime o sentimento de intimidade consciente, mas de modo imperfeito, a poesia coloca-se na busca ao Ideal Absoluto, através da capacidade das palavras, até a interiorização da subjetividade de forma que a perfeição artística é alcançada, ou seja, a finalidade da progressão da arte e suas reduções, quanto aos fatores e conteúdos, culminam na autorrealização da autoconsciência, por meio da arte escrita. Assim, a poesia encerra todo o sistema artístico. “A poesia ou arte do discurso constitui, portanto o termo médio, que reúne os dois extremos de uma totalidade, formados pelas artes plásticas e pela música, para realizar a síntese superior, que é o da interioridade espiritual”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 360).

O sentido daquilo que Hegel considera como a espiritualização interior da autoconsciência, não teria se realizado se não fossem essa junção das características entre as três artes românticas. Na poesia se dá o que faltou de subjetivo na pintura e também o que faltou de conteúdo na música; e é evidente que a poesia pode reunir na sua expressão artística, os elementos necessários para sua realização de acordo com a ideia de Hegel, na qual afirma a

existência de uma percepção gradativa de uma arte a outra até completar por si mesma e em si mesma, o seu objetivo essencial que é a espiritualidade.

“Visto que tendemos a ignorar os sons ou formas particulares das palavras na fala comum e nos concentrarmos simplesmente nos conjuntos de significados que eles invocam, Hegel assume que o acontece mesmo quando frequentamos a poesia. Isso o leva a concluir que, das cinco belas artes, a poesia nos transposta mais diretamente para a interioridade da subjetividade humana. A forma verbal da poesia serve apenas como uma pele transparente através da qual apreendamos sua natureza distintamente reflexiva”. (BEISER Frederick C. 2014; p. 422).

Com o princípio subjetivo mais perfeito, a poesia reúne em si a complexidade artística mais espiritual que a pintura e a música e não só isso, considerando que nas quatro artes anteriores, os fatores de expressão foram se reduzindo na sua materialidade ao ponto de já não existir a espacialidade; ou seja, o caráter representativo da apreensão sensível. A poesia se torna então, a arte perfeita em relação às outras. Desde a arquitetura a concepção que Hegel tinha era de uma atitude que partia da apreensão exterior até a sua capacidade interior de buscar a perfeição da autoconsciência humana e com a música, o conteúdo espacial foi dissolvido e o que restou para a representação da poesia foi uma que parte do próprio espírito. A poesia realiza, portanto, o sentido dos conceitos puros, totalmente voltada ao espiritual.

“A hierarquia de Hegel das cinco artes plásticas termina na poesia; com ela a expressão artística alcança seu limite. Ao passar da arquitetura, à escultura, à pintura, à música e à poesia, o suporte sensível torna-se cada vez menos conspicuo na experiência estética. Na poesia, a relação entre palavra e pensamento torna-se uma mera convenção. Em vista da tendência aqui implícita - uma tendência para dissolver completamente o suporte artístico sensível em um esforço para expressar perfeitamente um conteúdo não empírico-, Hegel situa a poesia no próprio limite da arte” (BEISER Frederick C. org. 2014; p. 422).

### 2.3.1 A linguagem da arte poética

Assim como na música, a forma representativa da poesia apresenta como parte de sua materialidade na exterioridade; como as notas musicais agrupadas numa sinfonia, desperta o que há de mais sublime no sentimento humano, a poesia é o ordenamento das palavras que se formam na escrita, mas essa escrita não se caracteriza como algo evidente por completo se comparado às outras artes em termos de materialidade. Sendo assim, a forma poética; é a linguagem exterior e ao mesmo tempo, sua expressão espiritual, é o pensamento dessa tal linguagem, na qual Hegel afirma haver uma relação positiva de uma mesma coisa. “Todavia, visto que mesmo estando ligada à expressão verbal a poesia é muito mais independente das

condições e da natureza dos materiais do que o são as outras artes, possui no mais alto grau a possibilidade de se diferenciar, de se ramificar em diversos gêneros que teremos de examinar sucessivamente”. (HEGEL, Georg W. F. 2016, p. 370).

Linguagem e pensamento tornam-se como os meios da transição do que é material para o espiritual, considerando que eles estão relacionados num mesmo propósito na análise feita por Hegel, levando em conta, que para ele, o pensamento reúne em si uma forma representação de várias palavras num mesmo significado.

“Com relação a este último (pensamento), Hegel nota que os sons verbais ou inscrições sustentam usualmente uma relação meramente convencional com conteúdos de pensamentos que eles carregam. As palavras “cão”, “Hund”, “chien”, “cane” e “perro”, por exemplo, representam, todas elas, o mesmo pensamento e, em uma tradução, uma palavra pode facilmente ser substituída por outra. Dessa observação trivial, Hegel conclui (problematicamente) que a linguagem é meramente um veículo para a exteriorização do pensamento; ela não é, em si mesma, uma condição necessária para o pensamento, nem mesmo um aspecto constitutivo do pensamento<sup>6</sup>. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 421).

### 2.3.2. O conteúdo poético

Ressaltando um desprendimento da realidade exterior, o conteúdo poético consiste no próprio valor espiritual que está além da capacidade escrita. A poesia para Hegel, não se preocupa com os elementos materiais que formam as características essenciais de qualquer arte, mas ela só consegue se expressar perfeitamente, tendo em seu conteúdo o valor conceitual e intrínseco da autoconsciência humana e assim delimitar tudo o que diz respeito da arte na manifestação do que é espírito.

“Tratando-se do conteúdo próprio da concepção poética, podemos eliminar desde o começo, pelo menos relativamente, o exterior como tal, os objetos naturais; a poesia tem por objetos não o sol, as montanhas, a floresta, as paisagens, nem a forma e a configuração humanas exteriores, sangue, nervos músculos etc., mas interesses espirituais”.(HEGEL, Georg W. F. 2016, p. 372).

Nesse sentido, a poesia desempenha um carácter mais vivo e verdadeiro do Belo, pois, a sua integridade artística não depende de nenhuma condição exterior. As palavras são apenas “formalidades” da manifestação exterior do pensamento que – na concepção de Hegel

---

<sup>6</sup> A ideia de que a linguagem e o pensamento estão intimamente entrelaçados tornou-se, lentamente, uma ideia corente no século XX. Em décadas recentes, essa concepção tem se cristalizado na hipótese amplamente discutida de uma “linguagem mental” que subjaz aos processos de pensamento. Dos muitos autores que poderia ser mencionados nesse contexto, o mais proeminente talvez seja Jerry Fodor. Para uma obra sobre esse assunto, ver J. Christopher Maloney, *The Mundane Matter of the Mental Language* (Cambridge University Press, 1989).

não configuram como um elemento concretamente exterior- e por isso, concede à arte poética, a realização final de ser totalmente voltada ao espírito e ter seu objeto material –por assim dizer- mais superior que qualquer outra arte do sistema.

*“O objeto verdadeiro da poesia é o reino infinito do espírito. Pois a palavra, essa matéria flexível e dócil por excelência, que faz parte integrante do espírito, e é mais capaz que qualquer outra de apreender os interesses e movimentos espirituais sob o seu aspecto vivo, deve, como é o caso, nas outras artes, da cor, do som, ou da pedra, ser utilizada para a expressão daquilo a que melhor se presta”.* (HEGEL, Georg W. F. 2016, p. 372).

Hegel conclui que no fechamento do sistema artístico, onde a poesia ocupa um lugar de destaque em relação às outras artes, é que a autoconsciência humana se torna livre e verdadeira, alcançando o objetivo final de certa autotranscendência, formada somente por conceitos espirituais. A poesia é então denominada como a arte puramente do homem, dando-lhe movimentos imaginativos, além daquilo que é físico. Ela –dessa forma- se torna a única arte que pode satisfazer os anseios do conhecimento humano e da sua própria existência. Se a poesia está ligada completamente à capacidade espiritual do homem, significa que não resta mais nada além dessa arte e limitando-a no final do seu sistema artístico, Hegel decreta que o Ideal do Belo na consciência humana se dá pela a interiorização da poesia. “Por isso a poesia sempre foi, e continua a ser, a fonte na qual o homem sacia a sua sede de conhecer, o seu desejo de se instruir. Aprender e ensinar são comunicar e assimilar-se o conhecimento do que existe”. (HEGEL, Georg W. F. 2016; p. 372-73).

Se a finalidade poética é ao mesmo tempo a finalidade do homem em conhecer, aquilo que é o ideal artístico, então não há nada ainda que se possa falar em arte. Ora, o ser em si do próprio homem já tem seu objeto artístico de modo aprofundado: ele deve ser visto como uma nova forma de conhecimento. A poesia já alcança elementos essenciais para uma nova passagem das expressões culturais que estão além da arte, mas que são constituídas pela sucessão artística, até a manifestação do Espírito Absoluto.

*“A finalidade mais profunda da poesia, a própria finalidade do espírito humano em geral, está em conflito, pois, com as próprias condições para a expressão artística. A poesia, em última instância, esforça-se para se tornar filosofia, mas permanece ligada a seu modo literário de expressão. Por essa razão, a poesia contém nuances que apontam imediatamente na direção dos modos mais avançados de expressão cultural, a saber, a religião e a filosofia”.* (BEISER Frederick C. org. 2014; p. 422).

O sistema das artes românticas se torna um sistema de progressão artística e histórica, que se caracteriza por dissolver gradativamente as apreensões sensíveis, partindo de

uma lógica completamente determinista, onde os valores dos conceitos puros são os que se importam. As sucessões artísticas vão se tornando cada vez mais entregues ao seguimento do espírito ideal e, com isso, a estrutura sistemática das artes hegelianas acaba por assemelhar-se, cada vez mais na filosofia de Hegel. Logo, arte, a religião e a filosofia são as expressões que fundamenta a dialética do seu pensamento. A arte está na origem das civilizações, juntamente com a religião e a filosofia, de modo que suas expressões culturais estão interconectadas na vida de um povo e na História da Humanidade. Arte, Religião e Filosofia representam os fundamentos principais e os aspectos intrínsecos de uma civilização, como processo gradual de conhecimento e de desenvolvimento, que foram sendo constituídos no decorrer da sua história.

“Na obra mais rica e eminente da escola, as Lições de Estética de Hegel (1818 e ss.), a arte, juntamente com a religião e a filosofia, é transferida para a “esfera do espírito absoluto”, em que o espírito se liberta do conhecer empírico e do fazer prático, e se beatifica no pensamento de Deus ou da Ideia. Fica incerto se na tríade assim constituída o primeiro momento seria a arte ou a religião porque, neste ponto, variam as exposições feitas por Hegel de sua própria doutrina; mas não é incerto que ambas a arte e a religião, são superadas e tornadas verdadeiras na síntese terminal, que é a Filosofia; o que quer dizer que a arte é aí tratada como filosofia inferior ou imperfeita, filosofia imaginosa, uma contradição entre um conteúdo e uma forma que lhe é inadequada, que somente a Filosofia dissolve”. (CROCE, Benedetto, 1990; p. 191).

### **3. A PERCEPÇÃO RELIGIOSA NA ESTÉTICA HEGELIANA**

As três artes românticas do sistema hegeliano, possuem uma característica mais acentuada no que diz respeito a sua capacidade de apreensão e em representação do seu conteúdo, em relação à arquitetura e a escultura. De fato, seja de modo implícito ou diretamente, elas transportam suas formas de arte numa dimensão mais espiritual do que física; pois a harmonia das cores, das notas e das palavras não só influenciam plenamente a autoconsciência humana como também produz a sua expressão religiosa na tentativa de manifestar o que é plenamente espiritual.

A ideia progressiva da arte na sua história como uma forma de alcançar o Absoluto, não deixa de ser lógica na concepção hegeliana e sua maneira de analisar a arte, não deixa de ter uma certa contribuição para o mundo artístico - principalmente no sentido transcendente e real dos elementos essenciais do Belo; contudo, a sistematização das artes românticas como de todo o sistema de Hegel, não deixa de ter certas confusões estruturais,

e o seu modo de conhecimento do que é arte na sua essência e representação, também está sujeito a críticas; pois à medida em que se coloca a consciência humana na superioridade do conhecimento e do objetivo artístico, todo o valor e todo o sentido passa a ser exclusivamente humano. Vale lembrar, que todo o desenvolvimento sistemático artístico de Hegel, depende da sua filosofia dialética e idealizada, no qual ela se encontra determinada na própria história.

### **3.1. A religiosidade na arte romântica**

As artes românticas no período em que viveu Hegel constituem sua representação máxima nas obras religiosas do cristianismo, ou seja, as artes românticas são entendidas a partir de suas relações com a cultura cristã; e que, portanto, há uma “passagem” da arte enquanto se considera as obras do período clássico para o período romântico como uma forma de desenvolvimento autoconsciente humano pela subjetividade. Hegel interpreta que essa sucessão periódica da história da arte leva ao Espírito Absoluto numa maneira de unidade, pois o período clássico da cultura politeísta dos deuses da Grécia fora superado pelo Deus monoteísta de Jerusalém. Ora, Hegel afirma que o domínio religioso na arte romântica está na mais profunda interioridade subjetiva que se pode chegar; onde o Ideal atinge sua plena realização. “O conteúdo substancial das representações de arte romântica é a subjetividade absoluta, a união do espírito com a sua essência, a pacificação da alma, a conciliação de Deus com o mundo e, portanto, consigo mesmo. Parece, pois, que é nesta forma de arte que o ideal há de encontrar a sua plena e completa realização”. (HEGEL, Georg W. F. 2009; p. 583).

Hegel compreende a arte romântica como aquela que está voltada para o espiritual, e uma espiritualidade cristã; de modo que a necessidade de uma subjetividade absoluta se torna evidente para sua expressão, ao ponto que a interioridade subjetiva vai sendo explorada na gradação dos três tipos de arte. Hegel descreve de modo sucessivo os conteúdos das três formas românticas, de uma maneira lógica e bem estruturada e que interioridade se vê nas obras religiosas apresentadas pelas pinturas, pelas músicas sacras e pela poesia - com destaque para o pintor Rafael, os músicos Mozart e Bach e o poeta Dante - como essa manifestação do divino. O ideal romântico manifesta na sua profunda interioridade tudo aquilo que expressa da alma humana, do mundo e dos sentimentos como conteúdo; e a subjetividade alcançada na última arte romântica consiste na realização de si mesma, a verdade do belo.

“Para Hegel, a beleza artística revela a *verdade* absoluta através da percepção (*Werke*, XIII, 151/111)<sup>7</sup>. Ele sustenta que a melhor arte carrega conhecimento metafísico ao revelar, através da percepção sensorial, aquilo que é incondicionalmente verdadeiro. De acordo com as conotações religiosas que muitas vezes frequentam a própria voz de Hegel em suas *Lições sobre Estética*, podemos dizer que a arte bela, para Hegel, oferece uma percepção do “divino” ou “daquilo que é divino”. Posto de modo simples e claro, a beleza é a aparência de Deus”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 408).

Ao aprofundar na percepção artística de forma radical e absoluta, Hegel concede a arte romântica à subjetividade absoluta, que unida às demais formas espirituais, formam a verdadeira arte romântica e onde a autoconsciência humana se realiza de modo perfeito e completamente verdadeiro, tendo em consideração seu carácter de santidade na qual se expressa e exterioriza nas obras de artes religiosas cristãs. Na ideia de Hegel, o deus grego – expressão subjetiva da arte clássica – não se exterioriza, pois vive só, em si mesmo; enquanto que o “Deus” cristão se externa no homem autoconsciente de modo perfeito - em Jesus Cristo; ou seja, o espírito de Deus passa a se manifestar na vida dos homens, de uma maneira que Deus se torna homem e os homens se tornem deus.

“A aparição de Deus neste mundo realizou e certificou a conciliação do espírito consigo mesmo, a história absoluta, o advento da verdade. O conteúdo desta conciliação consiste simplesmente na união da verdade absoluta e da subjetividade individual humana; todo homem é Deus e Deus é um homem individual. Disto provém que todo espírito humano *em si*, é de acordo com o seu conceito e a sua essência, um verdadeiro espírito e que todo sujeito individual tem a vocação infinita de ser um fim ao serviço de Deus e de permanecer unido a Deus”. (HEGEL, Georg W. F. 2009; p. 587)

### 3.1.1. O divino na arte romântica

O sentido espiritual da expressão artística nas artes românticas só é compreendido com a capacidade da interiorização que se dá em si mesma, tendo como a sua plenitude a realização da própria autoconsciência humana. O que Hegel busca na finalidade da arte, é a interiorização como uma forma de revelar aquilo que é espiritual, algo demonstrável da sua metafísica artística, que tem como percepção expressiva, os conceitos puros. É evidente dizer então que, as artes românticas são as principais formas de subjetividade que conduz a autorrealização da arte absoluta; pois seus suportes encaminham, não só ao sentimento interior, mas também dá a concepção daquilo que é considerado como o divino na beleza

<sup>7</sup> Todas as citações das lições de Hegel sobre estética são de G. W. F. Hegel, *Werke in zwanzig Bänden* (Suhrkamp Verlag, 1970), Volumes, XIII XIV e XV. Por conveniência e a título de comparação, as referências à paginação da tradução de T. M. Knox das lições sobre Hegel a estética (Oxford, 1975) seguirão as referências à paginação do texto original de Hegel.

artística. Essa beleza como expressão máxima e absoluta no aspecto de arte espiritual é uma concepção que Hegel considera como divino ou algo que remete ao divino, ou seja, o próprio Deus e que, portanto, a autoconsciência humana consegue um sentido mais elevado do que venha a significar beleza.

“Todavia a concepção de Hegel sobre “Deus” ou “o divino” é, em certa medida, não tradicional e somente pode ser plenamente entendida em referência à sua metafísica da autoconsciência. A afirmação de Hegel, de que a beleza apresenta perceptualmente “aquilo que é divino”, ou “Deus”, equivale a uma expressão em termos religiosos daquilo que é mais apropriado para ser filosoficamente descrito: a beleza, de acordo com Hegel, é a apresentação perceptual daquilo que sua teoria metafísica afirma ser incondicional ou absoluto – ou seja, que “aquilo que é conceitual” (isto é, aquilo é racional) constitui a força motriz intrínseca a um universo autoconsciente<sup>8</sup>. Uma vez que Hegel sustenta, ademais, que é o ser humano autoconsciente quem incorpora de modo mais claro esse princípio racional, conceitual, ele conclui que a mais alta beleza reside nas aparências artisticamente realizadas e nas ações do ser humano racional”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 409).

De certo modo, a arte tende a sua expressão como um alcance daquilo que é religioso, e por isso, se compreende que arte e religião são consideradas as expressões fundamentais de uma civilização, na concepção de Hegel; como também a beleza na qual sempre foi expressa nos período da própria arte por sua representação. É, portanto, no período da arte romântica que essa realidade entre interioridade subjetiva com a percepção espiritual se tornam mais capaz de demonstração e manifestação. A arte romântica alcança esse ideal mais perfeitamente que qualquer outro tipo de arte, e sua realização se dá no sentido religioso cristão, por meio da sua interioridade; pois, considerando toda a sua redução aos conteúdos dos puros conceitos, como característica da espiritualidade romântica, o conteúdo que prevalece como ideal romântico, é uma relação incondicional entre a autoconsciência e o divino num sentimento de amor. Além disso, o sentimento romântico é também um sentimento religioso, visto que, alcançando o Absoluto na arte alcance também o Absoluto espiritual e religioso, que é o próprio Deus. “Do amor se pode, portanto dizer que constitui o conteúdo geral da arte romântica considerada no seu aspecto religioso”. (HEGEL, Georg W. F. 2009; p. 586).

---

<sup>8</sup> Refiro-me aqui à doutrina geral de Hegel de que o poder humano da autoconsciência é o mais alto desenvolvimento, e um princípio implícito, de todos os poderes da natureza; e que os poderes da natureza são, por sua vez, a realização rudimentar da essência puramente conceitual de tudo o que é. Hegel descreve essa fundamentabilidade e incondicionalidade “daquilo que é conceitual” em sua Ciência da Lógica: “o conceito puro é o absolutamente infinito, incondicionado e livre” (Werke, XI, 274).

### 3.1.2. A concepção histórica da arte romântica no cristianismo

O Absoluto se manifesta na plenitude da arte, após uma série de etapas no decorrer da sua história enquanto tal. Todos os períodos e todos os tipos de arte, na sistematização de Hegel têm como objetivo alcançar a manifestação do espírito, ou seja, o seu ideal no respectivo momento da história de arte e da civilização. Ora, a concepção religiosa no período romântico é o resultado dessa busca autoconsciente que o homem consegue ter atingindo sua interioridade e seus sentimentos através das representações artísticas das artes românticas. Concedendo a autoconsciência humana um aspecto espiritual divino, Hegel transcende o homem além da sua realidade sensorial e com um movimento oposto, ele encarna Deus como a realização dessa perfeita e absoluta realidade. Sendo assim, o homem se torna um deus idealizado e o Deus se faz homem na introdução de sua aparência visível na história.

“A aparição de Deus neste mundo realizou e certificou a conciliação do espírito consigo mesmo, a história absoluta, o advento da verdade. O conteúdo desta conciliação consiste simplesmente na união da verdade absoluta e da subjetividade individual humana; todo homem é Deus e Deus é um homem individual. Disto provém que todo espírito humano *em si*, é de acordo com o seu conceito e a sua essência, um verdadeiro espírito e que todo sujeito individual tem a vocação infinita da ser um fim ao serviço de Deus e de permanecer unido a Deus”. (HEGEL, Georg W. F. 2009; p. 587).

A arte romântica se realiza na sua plenitude artística com o Cristianismo; onde a perfeição artística se entrelaça com a perfeição religiosa. Ela traz em si, o seu próprio carácter artístico, muitas vezes representado figuras humanas e sentimentos humanos – como as pinturas religiosas da Renascença, as músicas sacras alemãs e as poesias dos escritores cristãos desde a Idade Média, até a própria época do seu período. Hegel então considera que o homem é o ponto central da arte religiosa, uma união formada pela redenção da consciência humana com a aparição de Deus - Jesus Cristo – na progressão histórica tanto da arte, como da humanidade. Assim, a pessoa de Cristo é a manifestação do Espírito Absoluto que se apresenta na história como conciliador, renovador do autoconsciente humano e o ápice ideal da história da arte.

“Tal como várias vezes já notamos, a concepção religiosa da arte romântica implica um conteúdo de tal natureza que nele se encontra levado ao extremo o antropomorfismo, pois esse conteúdo incide antes de tudo sobre a fusão do absoluto e do divino com a subjetividade humana que é realmente perceptível, que se manifesta exterior e corporalmente, apesar de o divino não poder exprimir-se senão na forma de uma individualidade sujeita a todas as insuficiências naturais a toda a

finitude das manifestações individuais. Neste aspecto, a arte oferece á consciência intuitiva a manifestação de Deus numa figura individual e com uma presença real, na forma de uma imagem concreta que reproduz, em todas as suas minúcias exteriores, eventos que se referem ao nascimento de Cristo, à sua vida e aos seus sofrimentos, à sua morte, ressurreição e transfiguração, de tal modo que, só graças á arte, a fugidia manifestação real de Deus adquire uma permanência incessantemente renovada” (HEGEL, Georg W. F. 2009; p. 599).

### 3.2. O Sentido da perfeição artística e o seu carácter avaliativo

A arte hegeliana possui uma finalidade, onde a consciência se dá numa relação com o que é perfeito por meio de seu conteúdo interior. Ela visa um objetivo específico na sua progressão histórica: demonstrar a perfeição de uma relação absoluta do espírito com o homem através da autocorrespondência. A este propósito, a autoconsciência em si mesma está orientada para uma total verdade e perfeição que se pode chegar. “Em tal condição, algo se torna uma “verdade” em relação a sua espécie. Esse estilo de avaliação teleológica – que tem em Aristóteles suas origens históricas<sup>9</sup> -define o núcleo do conceito hegeliano de verdade e situa-se no centro do sistema filosófico de Hegel. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 426).

A consciência humana não é algo abstrato que se manifesta numa outra realidade além da subjetividade, pelo contrário, ela está intrínseca e unida no próprio conhecimento de cada homem individual e tem a capacidade de se autoconhecer, mas com o sentido de sempre buscar o que lhe dar finalidade. Nesse procedimento, Hegel aplica uma relação de aproximar a consciência com uma outra realidade na tentativa de fazer esse auto conhecimento em si, e alcançar o seu objetivo completo e final.

“No pensamento de Hegel, esse modo teleológico de avaliação deriva logicamente de sua análise da consciência humana. Para Hegel, a consciência é, ela mesma, orientada a uma finalidade: ela almeja reconhecer-se a si mesma através daquilo que é outro em relação a ela e reconciliar-se com essa alteridade que, em um sentido transindividual, é sua própria projeção. Esse ponto de reconhecimento e de reconciliação em um ato de reflexão gera uma condição de “autocorrespondência” – um estado de *verdade* como perfeição”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014, p. 427).

Para dar um seguimento histórico da consciência humana na sua perfeição artística, Hegel acaba determinando, por meio do seu pensamento “lógico”, uma estrutura de artes e uma progressão dialética da sua própria história. Assim, tendo como princípio, um determinismo de estruturação das artes e de suas representações enquanto tal nas expressões

---

<sup>9</sup> Ver a Metafísica de Aristóteles, 1021b.

históricas das civilizações ao longo do tempo, ele acaba concretizando o seu sistema artístico no seu próprio modo de ser até a finalidade definitiva de todas as suas subdivisões, com um encerramento em si mesmo.

“O estilo teleológico de avaliação, mantido por Hegel, opera em sua teoria estética em quatro níveis distintos e define a forma arquitetônica da teoria. Esse estilo aparece no nível: de (1) avaliar a arte em relação à religião e à filosofia; (2) avaliar os estilos simbólicos, clássico e romântico da história da arte; (3) avaliar as artes individuais da arquitetura, escultura, pintura, música e poesia; e (4) avaliar as próprias obras de arte individuais. Em cada um desses níveis, Hegel define um *propósito* geral para aquilo que deve ser julgado e fundamenta sua avaliação na questão se o objeto do juízo expressa, ou pode expressar, de maneira bem sucedida, a finalidade definida”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 427-28).

Esse modo avaliativo totalmente determinista leva a concepção de Hegel até as últimas consequências de toda e qualquer avaliação que se pode constituir ainda mais o sentido do seu sistema. Na própria história da arte, há sempre uma possibilidade de determinar algo novo, de mudar alguma coisa, numa nova interpretação, ou de outro ponto de vista, criar, assim, uma nova perspectiva de acréscimo para aquilo que se deseja. Na teoria histórica do sistema hegeliano, todas essas possibilidades já se encontram fechadas na sua estrutura de avaliação histórica e com isso, todos os níveis e subdivisões do sistema conseguem se encaixar com uma facilidade lógica e com uma capacidade de avaliação cada vez mais clara.

“No nível da história da arte, encontramos o mesmo modo de avaliação. Hegel levanta duas questões: se cada um dos três estilos da história da arte – simbólico, clássico e romântico – é capaz de (a) atingir o propósito geral do espírito humano de expressar conhecimento metafísico em uma forma apropriada ao próprio conhecimento metafísico (isto é, por meio do *conceito*) e (b) atingir o propósito específico da *arte* de expressar conhecimento metafísico através da *percepção*. A partir da discussão anterior, torna-se claro que a arte romântica, devido a seu conteúdo cristão não empírico, é a que mais se aproxima da realização da primeira tarefa. Também fica claro que somente a arte clássica, devido a seu “antigo” conteúdo humanamente sensível, realiza a segunda tarefa, de acordo com a concepção de Hegel. Ambas as conclusões são familiares, mas vemos agora como a sistemática aplicação de um estilo particular de avaliação, por parte de Hegel, começa a mostrar em todos os principais níveis da teoria” (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 428).

Levando em conta toda a observação da avaliação que Hegel faz na estrutura de sua estética, muitas das suas questões ainda são consideradas ambivalentes e controversas, pois as análises cada vez mais profundas das artes individuais, tende a formar novas questões que pode dificultar todo o entendimento artístico criando, de certa forma, uma compreensão contraditória. Além disso, Hegel ainda repete os mesmos questionamentos de outras

avaliações por meio de novas subdivisões e de uma análise cada vez mais detalhada que se formam nas artes individuais.

“No que concerne às cinco artes plásticas, Hegel novamente levanta as mesmas duas questões, ajustadas a esse nível mais específico de investigação: (a) se cada um dos respectivos suportes artísticos é capaz de expressar conhecimento metafísico em uma forma apropriada ao próprio conhecimento metafísico (isto é, de uma forma não sensorial), e (b) se os superiores ou meios de cada arte são capazes de expressar conhecimento metafísico em uma forma sensorial. Assim, como a poesia, a arte romântica mais avançada é considerada como a arte mais “espiritual” devido o seu alto grau de interioridade subjetiva; e assim como a arte clássica representativa, a escultura é considerada a melhor arte devido a seu equilíbrio entre suporte (ou meio) e objeto (ou tema). Podemos notar, mais uma vez, o difuso estilo teleológico da avaliação presente em Hegel”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 428-29).

No sentido de algo mais específico para entender o modo de avaliação de Hegel sobre a arte, é necessário entender como desenvolve o seu procedimento crítico. A avaliação se dá de forma simples, relacionando da mesma forma que se dá nas artes propriamente específicas e seguindo, conforme sua percepção investigativa em uma constituição de arte para, depois, verificar se nela existe uma capacidade de formação artística que possibilita considerar como forma de arte. “Hegel avalia, *prima facie*, uma obra de arte em referência à questão se ela constitui um exemplo<sup>10</sup>. Esse procedimento pode parecer simples, mas obras de arte exemplificam diversas categorias e propósitos, e isso prontamente complica o processo de avaliação” (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p.429).

### 3.3. E a tese: o fim da arte?

Após organizar todo o sistema de modo lógico e dialético, baseando sua concepção no entendimento da história da arte, e estruturando os tipos artísticos por graus sucessivos, Hegel se vê numa situação de que a arte como tal, se esgotou, ou seja, já não mais possui aquele entendimento que se dava na sua progressão histórica; e tudo isso, se deu por uma transição da cultura clássica grega mediante a ascensão do cristianismo e de sua nova cultura artística. Isso foi uma dificuldade não só para ele, mas desde o romantismo alemão,

<sup>10</sup> Hegel define os propósitos específicos das artes individuais em referência a capacidade dos respectivos suportes para expressar a subjetividade humana. Eles são definidos em referência à ordenação (“da sensação ao conceito”) dos suportes artísticos. Essa ordenação é independente de um juízo seja em referência aos propósitos do espírito humano em geral, seja em referência ao propósito da arte. Após tal ordenação, pode-se projetar ou um modelo “ascendente linear” em referência ao objetivo do espírito humano em geral, ou um modelo de “crescimento e declínio” em referência ao objetivo da arte.

Schiller e Schelling já haviam compreendidos os novos traços artísticos que a arte romântica cristã teria alcançado.

“A tese de Hegel, sobre o “fim da arte” é consequência de sua interpretação sobre o modo como a Antiguidade grega transformou-se no cristianismo. Ao reconhecer uma diferença fundamental entre a perspectiva clássica e a perspectiva cristã, Hegel certamente não estava sozinho. Schiller, por exemplo, utilizou essa demarcação histórica para distinguir duas atitudes opostas em relação ao mundo - a “ingênua” e a “sentimental” - e para caracterizar dois temperamentos poéticos correspondentes - o “natural” e o “reflexivo”<sup>11</sup>. Schelling também invocou essa distinção histórica em sua divisão das mitologias entre o estilo “natural” ou “grego”, em oposição ao estilo “histórico” ou “cristão”<sup>12</sup>”. (BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 434).

De certa maneira, a ruptura que Hegel afirma, na perspectiva da história entre o clássico grego e o romântico cristão, não constitui nenhuma prevalência em termos de escolha para ele; visto que o seguimento e a mudança histórica se deram de forma natural; porém, a expressão religiosa da arte cristã havia caído – por sua percepção artística, das artes, principalmente no declínio da poesia - numa certa arte obsoleta, uma decaída espiritual enquanto sua manifestação absoluta, mas que não dava para restaurar uma nova e velha manifestação do espírito clássico e assim ter que apenas concluir uma tese, como ele mesmo fez.

“Embora admita a divisão geral da história nos períodos clássico e cristão, Hegel não mostra predileção pela perspectiva clássica em detrimento da perspectiva cristã, como fizeram muitos dos seus contemporâneos. Hegel compartilhava de uma visão de que o cristianismo da Igreja então estabelecida estava ossificado, limitado por regras e mecanizado, mas não concordava em que a invocação do espírito clássico grego poderia, por si só, gerar uma religião viva e verdadeira<sup>13</sup>. Hegel sentia uma nostalgia pelo clássico, mas era historicamente muito sensível e realista para crer em sua ressurreição contemporânea. Essa atitude historicamente realista o levou inevitavelmente a sua tese do *fim da arte*”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p. 434).

Concluir o pensamento de Hegel sobre o fim da arte não é tão fácil com se imagina, pois ao mesmo tempo em que se percebe uma perfeição nela, há uma possibilidade dessa mesma expressão perfeita ainda não existir, se for considerar uma continuidade da sua história. Tudo indica que ocorre então, um esgotamento, em sentido histórico, no qual não

<sup>11</sup> Ver o ensaio de Schiller, “Ueber naive and sentimentalische Dichtung”, in Schillers Werke, Nationalausgabe, ed. Julius Petersen et al. (Weimar, 1943-), XX 413-503.

<sup>12</sup> Ver as lições de Schelling sobre estética em Schellings Werke, ed. Otto Weiss (Leipzig: Eckhardt, 1970; Leipzig: Meiner, 1911, III, I-384).

<sup>13</sup> A esperança de recuperar um perdido passado clássico persistiu após a época de Hegel. Por exemplo, O Nascimento da Tragédia (1872), de Nietzsche, tinha como objetivo ressuscitar, através da música e do teatro, uma cultura artística clássica em face daquilo que era percebido como uma cultura cristã deteriorada.

existe mais uma possibilidade de expressar a arte, e que a consequência disso, seria fazer uma conclusão quanto à sua capacidade de perfeição em um determinado momento que ela chega, é, de certo modo, tentar afirma seja positivo ou negativamente, essa sua perfeição.

“A afirmação de Hegel, de que a arte alcançou seu fim” é, com efeito, uma das mais instigantes implicações de sua teoria estética. Em síntese, a tese é a seguinte: chega um momento em que a arte já não mais expressa os interesses mais profundos da humanidade em geral, e esse momento chegou. Hegel é bastante contundente acerca disso e afirma que “para nós, a arte pertence ao passado” (Werke, XIII, 25/11). Ele também acrescenta a esperança de que “a arte chegará, algum dia, a perfeição” (Werke, XIII, 142). Em um sentido, a arte alcançou sua perfeição e, em outro sentido, não alcançou. Resta especificar esses dois sentidos”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p.434-35).

A percepção sobre esse fim no pensamento de Hegel, não é meramente uma realidade negativa, pois sempre houve momentos em que a arte se fez perfeita e outros momentos em que nada teve de manifestação ideal como perfeição. Resta, portanto, entender a ação que ela desempenha na própria história da humanidade e de como o seu sentido é entendido na sua própria realização. No desenvolvimento histórico que o próprio Hegel faz, a arte como a expressão cultural de uma civilização, não permanece enquanto tal, mais muda na decorrência da história humana, pois, vendo como toda a expressão da cultura grega ter se transformado na expressão do período cristão e, posteriormente, chegar ao seu declínio, ele acaba percebendo que, todas as civilizações conseguem manifestar e depois ruir a ideia de perfeição da arte.

“Do modo como Hegel elabora a questão, a arte constituía o modo central de expressão cultural na Grécia antiga, mas foi ofuscada pela ascensão do cristianismo. Uma vez que Hegel acreditava que ele ainda vivia na era cristã, essa transição histórica é, certamente, o que ele tinha em mente quando dizia que, “para nós, a arte pertence ao passado”. Tais declarações poderiam facilmente sugerir, como observa Benedetto Croce, que a teoria estética de Hegel, é uma “oração fúnebre” à arte<sup>14</sup>”. (BEISER, Frederick C. 2014, p.435).

Ainda que tenha se findado a arte, nada de definitivo pode ser afirmado sobre a tese hegeliana enquanto sua análise histórica, e nem mesmo pode desconsiderar os aspectos lógicos que ele teoriza na própria concepção; afinal, existe uma segmentação artística na expressão cultural das civilizações; mas, Hegel decreta um fim da arte, e por isso, dar a sua sentença mortal com sua tese e, assim, finaliza sua estrutura lógica sistemática e dialética. “Hegel, que tendia a fazer coincidir o sistema da filosofia e a dialética das categorias com a

<sup>14</sup> Benedetto Croce, *Aesthetic* (1901), trad. Para o inglês de Douglas Ainslie (New York: Noonday Press, 1958), 302.

história real, chegou dessarte a seu famoso paradoxo da mortalidade da arte, forma que já não corresponde ao mais alto interesse mental dos novos tempos”. (CROCE, Benedetto, 1990, p. 191).

A arte sempre esteve em um crescimento produtivo na própria cultura de um povo, como uma de representação da sua própria existência histórica, e assim, Hegel acredita que a capacidade de cada civilização em desenvolver sua expressão cultural artística, não coloca um ponto final na arte; mas direciona para uma nova expressão, que se forma por um processo dialético em todas as civilizações. A arte não está mais em si mesma, mas transcende para o que conceitual e se encerra numa nova expressão daquela mesma civilização, dando-lhe um novo sentido e uma nova concepção.

“Tendo em vista a afirmação anterior, não é possível que Hegel tenha concebido que a produção artística cessará totalmente em algum ponto do desenvolvimento progressivo da história humana. Tampouco é possível que Hegel, tenha cogitado que a arte nunca mais servirá para expressar os mais profundos interesses da humanidade. Em vez disso, ele afirma que a arte será produzida em *toda* civilização, passada, presente e futura, e que, em cada caso, a arte acabará por apontar “para além de si mesma”, para uma nova forma de expressão cultural. Em que sentido então, a arte alcança seu término? A descrição que Hegel faz do desenvolvimento cultural – “ da sensação ao conceito” – fornece a resposta. Nesse modelo, cada civilização segue uma progressão “arte- religião- filosofia” em seu desenvolvimento cultural: a arte inicialmente expressa os valores intrínsecos da cultura e é posteriormente abandonada em favor de modos de expressão religiosos e filosóficos. Se houvesse somente uma civilização humana, então a arte teria, certamente, qualquer ressurreição. Mas existem muitas civilizações, cada uma com sua própria ascensão e declínio”. (BEISER, Frederick C. org.; 2014 435-36).

### 3.4 Um sistema com problemas

O sistema hegeliano possui uma estrutura lógica e bem organizada nas suas diversas classificações artísticas. Ele está fundamentado, na própria concepção de Hegel, como um desenvolvimento dialético e de uma progressão histórica sobre os cinco tipos de artes determinado conforme suas disposições enquanto expressão cultural e espiritual de um povo. Contudo, é importante observar, que o sistema de Hegel e toda a sua análise do mundo da arte, merece receber algumas críticas; pois certos pontos estão passíveis de erros.

“A filosofia da arte e da beleza, é, certamente, sujeita a críticas. Primeiro, o entendimento atual acerca das artes individuais abrange muito mais do que “as cinco belas-artes”. Para a teoria hegeliana das artes manter-se plausível, ela deve ser suficientemente flexível para sustentar uma expressão de modo a acomodar novas e

anteriormente subestimadas formas de artes”. (BEISER, Frederick C. org. ; 2014; p.437).

Na elaboração do seu sistema, Hegel determinou somente os cinco tipos de artes que tinham mais expressões para manifestação do espírito (a arquitetura, a escultura, a pintura, a música e a poesia); porém, outros tipos de arte, que já existiam ou que poderia vim a existir, não teria como entrar no seu sistema, por um fato bem simples: Hegel tem uma ideia de que alguns tipos de arte, não apresentam materiais suficientes para ser compreendida com uma arte – como é o caso da dança -; porém, afirmar isso, não significa que não haja uma capacidade artística nela, pois, se formos considerar numa representação de sucessão lógica das artes; em que a beleza arquitetônica se dar pela harmonia dos traços geométricos, a beleza da escultural pela harmonia dos traços corporais; a beleza da pintura pela harmonia das cores; a beleza da música pela harmonia das notas e a beleza da poesia pela harmonia das palavras gramaticamente ordenadas nas falas; então a beleza da dança poderia ser representada com a harmonia dos movimentos corporais enquanto compassos rítmicos.

“No período do século dezoito em que a estética e a filosofia da arte passou a ser uma disciplina reconhecida, procurou-se um lugar para a dança como arte mimética ao lado das “artes irmãs” da pintura e da poesia (Noverre 1760). Entrementes, porém, especulações sobre as origens da linguagem humana postulavam uma fase pré-linguística em que sons e movimentos indiferenciados eram usados para expressão espontânea, a ser mais tarde desenvolvida nas formas especializadas da fala, da música e das artes gráficas. Esse modo de pensar atribuiu a dança um nível de comportamento subcivilizado, pré - artístico; Hegel, especialmente, não encontrou função cognitiva distintiva para a dança em seu sistema de belas artes. O fato de que a dança artística em toda parte assume determinadas formas não é suficiente para granjear-lhe um lugar entre as manifestações artísticas do *Geist*. A influência de Hegel aqui se comprovou decisiva” (KIVY, Peter; 2008; p. 345).

Para que se tenha uma compreensão do que é tido como um conhecimento de arte, Hegel considera os pontos cognitivos como determinantes na sua estética. Mas essa percepção que ele faz, não tem nenhuma conclusão significativa em relação ao todo sentido que os diversos tipos de arte podem apresentar; ou seja, a ideia de uma arte considerada enquanto tal como ela é, com graus cognitivos ou não, fica a critério dele mesmo e dessa maneira, Hegel tendem a definir na construção do seu sistema estético somente aquilo que se entende como arte.

“Tratar a apreciação estética como uma espécie de cognição não é novidade alguma, é claro. Talvez o expoente mais famoso de semelhante concepção tenha sido Hegel, que concebia a arte como um modo de conhecimento humano, comparável ao pensamento filosófico; a arte procura atingir uma ordem na experiência mediante a realização de um conceito incorporado. Para Hegel, bem como para os idealistas em

geral, não pode haver uma distinção nítida entre estados mentais cognitivos e não cognitivos. Toda vida mental é um modo de pensamento, uma tentativa de impor ordem ao fluxo da experiência, e conhecimento é a realização bem-sucedida de uma ordem que, de outro modo, não existiria. Concepções similares encontraram expressão em obras de estéticas na tradição analítica: em *Sentimento e forma* [*Feeling and Form*], de Susanne Langer, por exemplo, e, de maneira mais notável, em *Linguagens da arte* [*Languages of Art*], de Nelson Goodman”. (SCRUTON, Roger; 2017; p. 236).

Como a dança, outros modos de arte que estão relacionados ao conhecimento cognitivos também não são introduzidos na sistematização da estética de Hegel. Para ele, as formas que mais exprime a beleza da arte, são transmitidas pelo sentido visual e auditivo; e, de certa forma, é bem lógica essa concepção, pois o conhecimento cognitivo desses dois sentidos se apresenta na realidade humana com uma facilidade e uma compreensão muito maior que os outros sentidos. Ao longo da história da arte, Hegel não conseguiu obter algo de cognitivo que se expressasse além do visual e do auditivo e considerou os sentidos do paladar, do olfato como incapazes de exprimir uma arte.

“Pois parece que somente os sentidos do som e da visão *podem* estar envolvidos na apreciação estética; logo, não é simplesmente o fato de serem sentidos que os capacita para esse papel. Hegel afirmou que os sentidos do gosto e do cheiro não podem incorporar suficientemente o intelecto para estarem envolvidos na apreciação da arte<sup>15</sup>. Nisso, ele repetia Tomás de Aquino,<sup>16</sup> que afirmava que não podemos falar de belos gostos e cheiros, uma vez que a percepção da beleza, sendo contemplativa, só se associa com os sentidos mais cognitivos, a saber, a visão e a audição. A estranheza do vocabulário do amante de vinho Bordeaux, e da sinfonia de cheiros de Des Esseintes<sup>17</sup> poderiam nos persuadir disso”. (SCRUTON, Roger 2017; p. 196).

Outros problemas que comprometem o sistema hegeliano e sua estética estão no fato de que sua concepção metafísica não possui um sentido claro no que diz respeito à beleza como a forma de conhecimento. Em observações ainda mais profundas sobre a metafísica de Hegel pode apresentar dificuldades de entendimento se considerar a sua aplicação na arte em geral; além disso, os pressupostos estéticos entre a arte da escultura com a arte da poesia se tornam contraditórios e acaba gerando dúvidas quanto a sua concepção.

“Segundo, a estética de Hegel é, primariamente, uma filosofia da beleza artística, ela carece de elaboração no que tange a outros valores estéticos. Terceiro, as afirmações de Hegel de que a escultura exhibe mais perfeitamente a beleza e que a poesia é a arte mais profunda são controversas, para dizer o mínimo. Ambas as avaliações derivam de sua definição metafísica da beleza, a qual, por sua vez, apoia-se sobre a verdade de sua metafísica. Assim, em quarto lugar, há a questão fundamental de saber se a

<sup>15</sup> Hegel, *Introduction to the Philosophy of Fine Art*. Trad. Bosanquet, London, 1886, p. 108-09.

<sup>16</sup> Tomás de Aquino, op. cit., Ia, 2ae, 27, 1.

<sup>17</sup> “Des Esseintes”, esteta, personagem de Joris- Karl Huysmans (1848-1907) em *À Rebours* [Contra a Corrente]. (N. T.)

metafísica da autoconsciência, sustentada por Hegel, é verdadeira, porquanto existem dúvidas em torno de suas razões para crer que o propósito da bela arte seja o de expressar conhecimento metafísico, mesmo que seja unicamente o conhecimento metafísico na forma que ele prescreve” (BEISER, Frederick C. org.; 2014; p.437).

Podemos concluir que o sistema de Hegel possui falhas importantes, e que, devido a sua filosofia idealista e sistemática se torna dependente dela mesma. Ainda, quanto à arte em sua história, também existe problemas de compreensão; no qual, devido sua determinação na formação das etapas históricas, Hegel acaba por estabelecer fixamente os seus períodos de acordo com sua lógica e não conforme o seguimento da própria História. Assim, quando aplicada na história da arte, a estética de Hegel se torna problemática, como muitos aspectos distorcidos e com suas posições artísticas fora do sentido real das coisas.

“Em quinto lugar, existem problemas na teoria de Hegel da história da arte. A divisão de toda a história da arte em não mais do que três períodos, cada um deles com uma duração temporal radicalmente diferente, parece ignorar a vasta complexidade do tema. E, por fim, ainda restam aqueles que diriam, ao contrário de Hegel, que o tema de uma obra de arte permanece independente do valor estético dessa obra. A escolha do tema “correto” não garante um pinga de valor estético. Todas essas críticas estão disponíveis, muitas são plausíveis. A filosofia hegeliana da arte tem seus problemas “( BEISER, Frederick C. org. 2014; p. 437).

Todas as críticas sobre o conhecimento da arte em Hegel, como também a forma estrutural do seu sistema, acaba encerrando num sentido de fechamento pré determinado com a sua própria compreensão filosófica e que por isso não obtém um ponto de continuidade ao modo de ver o seguimento da arte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o pensamento estético de Hegel tem como base sua concepção idealista e absoluta daquilo que conhece como arte. Ele desenvolve uma estrutura sistemática, agrupando as cinco belas- artes num perspectiva de progressão histórica e evolutiva, partindo do desenvolvimento dialético e lógico, que busca a autorrealização da arte em si mesma, através de uma leitura reflexiva da história da arte nos períodos por ele estabelecidos. A arte , na teoria hegeliana, tende alcançar o Absoluto como manifestação do Espírito; de uma maneira em si e para si, como um movimento que sai e retorna para si mesmo, a fim de interiorizar toda a realidade artística na pura exclusividade dos conceitos. Assim a proposta idealizada por Hegel visa satisfazer a autoconsciência da subjetividade humana como os pressupostos daquilo que é puro e conceitual.

Em sua época, marcada pelo romantismo, Hegel deslumbrou acerca da história da arte uma nova percepção que já vinha surgindo nos antecessores idealistas da Alemanha. O estabelecimento do sistema das artes produzido pelas suas lições, durante os cursos de estética, tornou-se muito significativo para o período em que ele já havia conquistado fama nos centros de ensinos filosóficos do estado Prussiano. Toda a sua obra de estética – dividida em dois volumes, expressa um crescimento significativo e estruturado das cinco belas artes, levando em conta sua expressividade histórica e de sua particularização em finalizar no Absoluto.

As observações feitas na estética de Hegel têm como objetivo, explorar seus pontos artísticos naquilo que caracteriza o seu sentido enquanto arte, e, por conseguinte, fazer também uma análise demonstrativas de alguns aspectos que estão presentes nas artes da pintura, música e poesia. Todo o valor estético, que se forma na teoria de Hegel, é entendido por sua própria filosofia idealista, como algo espiritual presente na consciência humana através do seu conhecimento metafísico da beleza em si.

Considerando os tipos de artes constituídas no sistema e suas classificações estruturais, segunda a maneira avaliativa de Hegel, podemos ver algumas distorções à nível filosófico que acabam aparecendo e devido essas complicações no estudo da arte. Ao final de todo o processo estabelecido sobre a arte, Hegel acumulou um vasto trabalho estético que estão unidos em dois cursos de suas aulas ministradas, e mesmo com as suas dificuldades enquanto as concepções artísticas, Hegel não deixou de contribuir o desenvolvimento da arte ao longo da sua história.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEISER, Frederick C. (org.); *Hegel*, trad. Guilherme Rodrigues Neto, São Paulo: Ideias e Letras, 2014. (Companions & Companions)
- CROCE, Benedetto, *Breviário de Estética*, trad. Rodolfo Hari Jr., São Paulo: editora Ática, 1ª edição, 2ª impressão, 1990.
- DUFRENNE, Mikel, *Estética e Filosofia*, trad. Roberto Figurelli, São Paulo: editora Perspectiva, 1972.
- HEGEL, Georg W. F., *Curso de Estética, O Belo na Arte*, trad. Álvaro Ribeiro/ Orlando Vitorino, São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição, 2009.
- \_\_\_\_\_, *Curso de Estética, O Sistema das Artes*, trad. Álvaro Ribeiro, São Paulo: Martins Fontes, 2ª edição 2010, 2ª tiragem 2016.
- KIVY, Peter, *Estética, Fundamentos e questões da Filosofia da Arte*, trad. Euclides Luiz Calloni, São Paulo: editora Paulus, 2008 (coleção filosofia).
- MONDIN, Batista, *Introdução à Filosofia problemas, sistemas, autores, obras*, trad. J. Renard, Luis J. Gaio (introdução, caps. XIII e XIV, Glossário), São Paulo: editora Paulus, 17ª edição, 2014.
- REALE, Giovanni – DARIO, Antiseri, *História da Filosofia volume 5 (do Romantismo ao Empiriocriticismo)* trad. Ivo Storniolo, São Paulo: editora Paulus, edição 2005 2ª impressão 2007.
- SCRUTON, Roger, *Arte e Imaginação, um estudo da filosofia da mente*, trad. Luiz Paulo Rouanet, São Paulo: É Realizações, 2017.
- \_\_\_\_\_, *Beleza*, trad. Hugo Langone, São Paulo: É Realizações, 2013.